

JORNALISTAS DIZEM BASTA AO ASSÉDIO



PAUTA é uma publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais GESTÃO 2017-2020

Diretoria: Alessandra Cezar Mello – presidenta: Daniel Augusto Resende Camargos - vicepresidente; Alessandra Mendes França; Vilma Tomaz Ribeiro; Priscila Maria Piotto de Melo Pádua; José Augusto Toscano Boaventura; Camila Silva Riani; Landercy Hemerson Aparecido da Silva; Artênius Nascimento Daniel; Tiago Henrique Haddad; Felipe Castanheira Guilherme; Felipe Canêdo Figueiredo; Isabella da Conceição Souto; José Antônio Bicalho Leite; Adriano Boaventura Cruz; Wanderley Pinto de Lima; João Renato Diniz Pinto; Luciano Tadeu Soares; Solange Maria Siqueira de Barros; Eduardo César Motta Dias; Brenda Marques Pena; Andrea Castello Branco Rena; Zuzileison Oliveira Moreira; Rogério Raimundo Hilário;

Joana Tavares Pinto da Cunha; Lina Patrícia Rocha Laredo.

Comissão de Ética: Jornalistas: Valéria Said — presidente; Virgínia de Castro — vice-presidente; Mozahir Salomão — secretário. Representantes da sociedade: Lucas Cadete Zállio (OAB-MG); Leonardo Soares Nader (Conedh-MG).

Casa do Jornalista – Diretoria: Mauro
Werkema – presidente; José Maria Rabêlo – vicepresidente; João Paulo Pinto da Cunha – diretor
de cultura; Dinorah Maria do Carmo – diretora
administrativa e financeira; Vilma Tomaz
Ribeiro – diretora de comunicação; Guy Affoso
de Almeida Gonçalves – suplente; José Eduardo
da Costa – suplente. Conselho Fiscal: Aloísio
Soares Lopes – efetivo; Jane Maria de Medeiros –
efetiva; Américo César Antunes – efetivo; Vilma
Fazito Rezende – suplente.

Assessor de Comunicação: Carlos Cândido. Colaboraram nesta revista: Agatha Azevedo, Alexandre Carvalho, Alice Vergueiro, Amanda Monteiro, Amélia Gomes, Brenda Marques, Carlos Avelin, Carlos Barroso, Charles Silva Duarte, Clarice Fonseca, Cláudio Cunha, Dinorah Carmo, Esdras Paiva, Isabel Cândido, Isis Medeiros, Joana Suarez, Joana Tavares, João Carlos Firpe Penna, João Paulo, Jorge Fernando dos Santos, José Aloise Bahia, José Antônio Bicalho, José Maria Rabêlo, Kiko Ferreira, Lucas de Godoy, Luciana Tonelli, Marcelo Prates, Márcio Metzker, Maria José Teixeira, Mariângela Castro, Marlos Ney Vidal, Nilson Azevedo, Nísio Teixeira, Paulo Henrique Lobato, Pollyanna Dias, Rafael Drumond, Roberto Mendonça, Rogério Zola Santiago, Sílvio Ribas, Symphronio Veiga.

Diagramação: Hudson Franco.

Endereço: Avenida Álvares Cabral, 400, Centro, Belo Horizonte, MG. CEP 30170-000. Telefone: (31) 3224-5011.



- JOÃO PAULO
- ENTREVISTA: THIAGO HERDY
- ENTREVISTA: DENNIS DE OLIVEIRA
- ROBERTO MENDONÇA
- **BRENDA MARQUES**
- MARCELO PRATES
- MARLOS NEY VIDAL
- AGATHA AZEVEDO
- JOÃO CARLOS FIRPE
- MULHERES CABULOSAS
- RAFAEL DRUMOND
- CARLOS BARROSO
- POETAS JORNALISTAS
- MARIÂNGELA LANA
- NOVA DIRETORIA
- PRÊMIO DÉLIO ROCHA
- NILSON AZEVEDO
- CARLOS CÂNDIDO
- SYMPHRONIO VEIGA



JORNALISTAS CONTRA 0 ASSÉDIO



14 A EXPERIÊNCIA D'O BELTRANO



20 ARTUR ALMEIDA POR AMANDA MONTEIRO



28 O JORNAL DO PADRE EUSTÁQUIO



34 BRASIL DE FATO MG. 4 ANOS



JOÃO PAULO

Televisão é um bem público, que pode ser explorado por concessão de acordo com as normas da lei brasileira. Concedida em caráter precário, a autorização para explorar faixas específicas do espectro de ondas ou outros sinais deve estar ainda sujeita a fiscalização e consequente retomada em caso de descumprimento das regras. Portanto, a televisão deve ser dirigida por valores públicos e republicanos, com condições claras e controle social efetivo. E laica, como deve ser o Estado.

Por isso não se entende a enxurrada de programas religiosos, de fundo proselitista e doutrinário, que ocupa desde espaço alugado a preço definido pelo mercado publicitário, até canais próprios, integralmente dedicados ao louvor. Há emissoras que carregam orgulhosamente no nome sua filiação religiosa e transmitem cultos e outros ritos, quase um reality de espiritualidade difusa, marcada pelo horário das orações. São geralmente cândidas. E entoam cânticos.

Outras empresas de comunicação temperam sua programação com temas religiosos tratados como espetáculo e espetáculos que se revelam shows de religiosidade explícita. Imitam os padrões de produção das emissoras comerciais de maior sucesso, contratam artistas e jornalistas que se identificam com o público não cativo das demandas da fé e apostam na força da convocação de seu rebanho. São geralmente competitivas. E copiam sem constrangimento.

E, por fim, há os franco-atiradores, que a cada dia criam novos templos e teologias. Esses compram tempo, geralmente na madrugada e fins de semana, para cobrar, com a venda de bens físicos e simbólicos, toda a grana que investiram no negócio. Associam sua atuação com pregação reacionária e comércio de produtos da fé, como livros, música, viagens a lugares sagra-

EXCESSO DE INDULGÊNCIA

dos e cursos. Convictos, vêm despertando para os atrativos da política. São geralmente bélicos. E gritam.

Os programas religiosos poderiam ser defendidos como expressão do humano, da espiritualidade, de formas culturais de convivência que têm sentido na vida das sociedades. Um conteúdo que tem potencial de tratamento efetivamente cultural, no aspecto mais amplo. Não é isso que ocorre. O que vê é exatamente o contrário de uma possível alternativa a valores excessivamente individualistas e intolerantes do nosso tempo. A religião televisiva não é compassiva, mas beligerante, mesmo quando mansa.

A lógica dos programas ditos religiosos, com seu teatro de compaixão, invadiu até mesmo segmentos aparentemente civis, como campanhas para amealhar dinheiro para projetos sociais e caritativos, patrocinados pelas emissoras em busca de marketing social. Nos dois casos, o importante é despolitizar os problemas e responsabilizar o indivíduo.

Há um jogo que esconde de um lado a hipocrisia dos meios de comunicação, enquanto de outro ameniza os tormentos da culpa pessoal. É só fazer as contas: o que foi investido em tempo de transmissão de apelos solidários - em publicidade e na própria programação abduzida pela campanha – vale dezenas de vezes mais do que foi arrecadado pela chantagem embalada, ao fim, por espetáculo chato.

A religião pode e deve estar presente em todas as emissoras de televisão,

como expressão própria da humanidade. É tema que merece tratamento jornalístico, dramatúrgico, estético e político. No entanto, não se justifica que um bem público seja assenhorado por visões particulares e interessadas de mundo.

Há o risco da desinformação, da manipulação, da intolerância e da exploração materialista da fé como artigo de mercado. É preciso que fique claro: toda televisão, em sua origem e destinação social, é pública. A religião cabe na TV, mas a TV não pode ser religiosa sob o risco de fraturar a coluna da laicidade do Estado. Não se pode ser indulgente com quem vende indulgências.



JOÃO PAULO é jornalista, formado também em filosofia e psicologia. É colunista do jornal Brasil de Fato.

CLÁUDIO CUNHA

A INFORMAÇÃO DE QUALIDADE É UM DIREITO DA SOCIEDADE

Presidente da Associação Brasileira de Jornalismo ▲ Investigativo (Abraji), o mineiro Thiago Herdy foi repórter de polícia no Diário da Tarde e de Gerais e Política do Estado de Minas e correspondente do O Globo em Belo Horizonte, antes de se tornar repórter da sucursal do jornal carioca em São Paulo, seu emprego atual. Suas melhores lembranças, porém, são da época em que colaborava no jornal laboratório Marco, do curso de Jornalismo da PUC Minas, onde se formou em 2005. "Excelente escola", disse nesta entrevista à PAUTA, na qual citou também sua ex-professora Maria Líbia, ao definir jornalismo: "é trazer à tona aquilo que alguém deseja esconder e é de interesse de todos". Ele conta que seu envolvimento com a Abraji começou na faculdade. "Descobri a entidade como lugar para trocar informações úteis ao exercício da profissão. É uma militância que se fortaleceu ao longo dos anos, tendo como pano de fundo a crença no oficio de jornalista e na necessidade de defendermos valores que são caros a todos", disse. "A Abraji é apartidária, não aceita dinheiro de governos e é fruto do trabalho voluntário de jornalistas", frisou. A seguir, a entrevista, concedia por e-mail.



PAUTA- A Abraji nasceu de uma iniciativa de jornalistas cariocas, depois do assassinato do jornalista Tim Lopes, em 2002, correto?

THIAGO – Em 2002, na ocasião da morte do Tim, um grupo de profissionais liderados por Marcelo Beraba se uniu em torno do debate sobre a necessidade do exercício do jornalismo em segurança, iniciativa ampliada pela reflexão sobre a ética jornalística e a defesa da liberdade de expressão e imprensa. Ao longo de 15 anos, o espectro de atuação da entidade se ampliou e desaguou em novas causas, como o direito de acesso à informação (que levou à criação de uma lei que hoje é fundamental ao exercício da profissão), a disseminação de técnicas e ferramentas do jornalismo de dados e o debate sobre a sustentabilidade jornalística.

PAUTA – Por que "jornalismo investigativo" e não "jornalistas investigativos"? A Abraji não é uma associação de jornalistas?

THIAGO – A Abraji não é um clube, tampouco credencial para alguém se apresentar como "jornalista investigativo". Militar na Abraji é acreditar que a informação de qualidade é um direito da sociedade, por isso toda a ação é centrada na criação de um ambiente propício ao bom jornalismo como um todo, e não ao trabalho de um ou outro repórter. A prática que a Abraji quer estimular é aquela centrada nos valores mais caros ao jornalismo profissional, como o compromisso com a verdade dos fatos e o respeito ao pacto implícito que existe entre leitores e repórteres: toda informação deve ser obtida de modo legal, desinteressado e de boa fé, e só pode ser publicada se for verificada sua veracidade. O que o cidadão exige do jornalista profissional é que ele seja crítico e narre fatos – não seja ativista ou militante.

PAUTA – Na página "Quem somos" do saite da Abraji, aparecem 11 diretores e 3 conselheiros fiscais, mais 8 integrantes do Conselho Curador e mais uma "Equipe" com seis integrantes. Quantos e quem são os associados da Abraji? Quem pode se filiar à Abraji?

THIAGO – Todos os os diretores e conselheiros da Abraji são pessoas que comungam dos mesmos valores e dedicam parte de sua hora livre para, voluntariamente, apoiar ações em torno dos valores citados na resposta anterior. Mais de 8 mil jornalistas e estudantes já participaram de cursos e congressos da Abraji. Atualmente, cerca de 300 estão associados, apoiando a entidade financeiramente. Para se filiar é preciso ser profissional ou estudante capaz de comprovar ser autor de produção jornalística.

PAUTA – A Abraji tem sede em São Paulo. Tem filiais em outros estados? Jornalistas de outros estados participam da Abraji?

THIAGO – A Abraji não tem filiais pelos estados. Embora sua sede esteja em São Paulo, é uma associação nacional, e toda sua atuação se dá a partir dessa perspectiva. A diretoria tem representantes de vários estados e de diferentes veículos e universidades.

PAUTA — O Estatuto Social da Abraji diz que ela tem como objetivos o aprimoramento profissional dos jornalistas e a difusão dos conceitos e técnicas da reportagem investigativa. Esses objetivos visam a todos os jornalistas ou só aos associados da Abraji?

THIAGO – Visam a todos os jornalistas. Tanto que inscrições para cursos e congressos são abertas ao público.

PAUTA – Em que consistem os conceitos e técnicas da reportagem investigativa?

com sua chancela.

PAUTA – Em que diferem do jornalismo aprendido nas faculdades de jornalismo?

THIAGO - Não vejo o jornalismo investigativo como algo distante do que é ensinado nas faculdades. Acho até que algumas têm essa disciplina incluída na grade curricular.

PAUTA – Como funciona a Abraji? O que ela faz no dia a dia?

THIAGO – Hoje a Abraji desenvolve diversas ações simultâneas, com diferentes parceiros. Organizamos o maior congresso de jornalismo do país, fonte de receita para um ano de atividades. Temos uma central de cursos online, vale sempre à pena estar ligado no que está rolando no site. Desenvolvemos projetos de bancos de dados que reúnem em base única processos de políticos que pedem a retirada de conteúdo da internet ("Control-X"), outro que reúne pedidos e respostas feitos via lei de acesso ("Achados e Pedidos") e outro sobre processo contra políticos com foro privilegiado ("Control-F"), que está saindo do forno. Lançamos este ano também o "Programa Tim Lopes", que funciona assim: toda vez que um jornalista sofrer grave ameaça ou for morto no exercício da profissão, a Abraji financiará a ida de um pool de repórteres de diferentes veículos para ir ao local e escrever sobre o ocorrido, além de dar continuidade à investigação que era produzida por aquele repórter, se este for o caso.

PAUTA – O que a Abraji investiga? Qualquer assunto? Ou tem limitação de pautas?

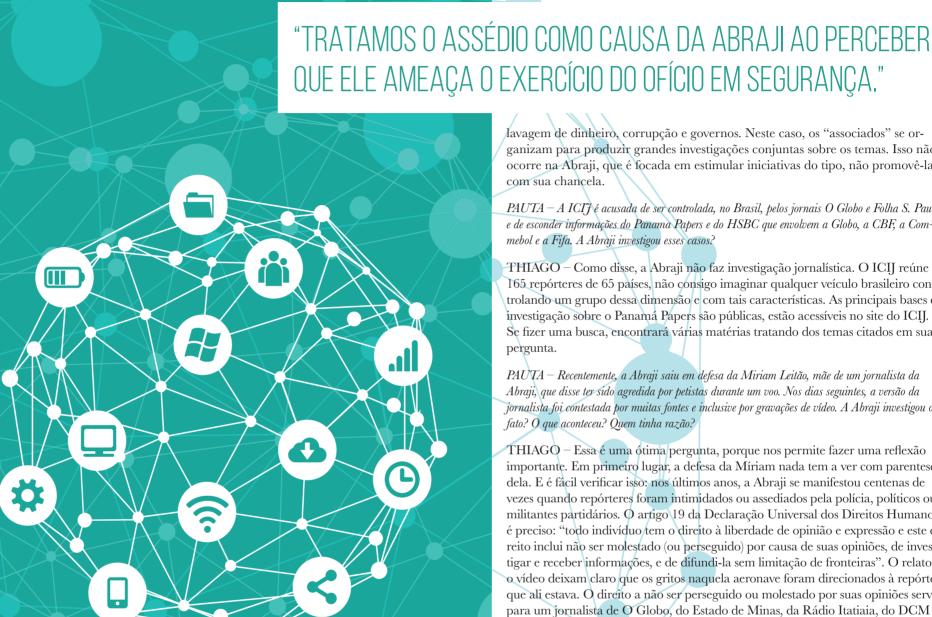
THIAGO - A Abraji nada investiga - ela existe para estimular repórteres brasileiros a produzirem suas próprias investigações. O único conteúdo produzido com a chancela da entidade é aquele que serve de base para qualificação profissionam ou diz respeito a questões relacionadas à liberdade de expressão, direito de acesso à informação e ao exercício da profissão em segurança.

PAUTA – O juiz Sérgio Moro se tornou figura central na política brasileira dos últimos anos. Algum associado da Abraji realizou alguma reportagem investigativa sobre esse juiz e suas ligações com o governo, instituições e empresas norte-americanas? Na sua opinião, ele merece uma reportagem investigativa?

THIAGO - Qualquer autoridade pública deve ser objeto de investigações jornalísticas, levando-se em conta o direito da sociedade à informação de qualidade. Pelo protagonismo do juiz Sérgio Moro nos últimos anos, acredito que ele tenha sido personagem de várias reportagens, publicadas tanto em veículos da mídia tradicional quanto da nova mídia. Sempre poderá ser feito mais. Não sei dizer se algum associado da Abraji tenha sido autor de alguma delas.

PAUTA – Qual a relação da Abraji com o ICIJ (Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos)? A Abraji foi inspirada nele?

THIAGO – O ICIJ é uma entidade com natureza diferente da Abraji – trata-se de consórcio de jornalistas de dezenas de países interessados em temas como



lavagem de dinheiro, corrupção e governos. Neste caso, os "associados" se organizam para produzir grandes investigações conjuntas sobre os temas. Isso não ocorre na Abraji, que é focada em estimular iniciativas do tipo, não promovê-las

PAUTA – A ICIT é acusada de ser controlada, no Brasil, pelos jornais O Globo e Folha S. Paulo e de esconder informações do Panama Papers e do HSBC que envolvem a Globo, a CBF, a Commebol e a Fifa. A Abraji investigou esses casos?

THIAGO - Como disse, a Abraji não faz investigação jornalística. O ICIJ reúne 165 repórteres de 65 países, não consigo imaginar qualquer veículo brasileiro controlando um grupo dessa dimensão e com tais características. As principais bases da investigação sobre o Panamá Papers são públicas, estão acessíveis no site do ICII. Se fizer uma busca, encontrará várias matérias tratando dos temas citados em sua pergunta.

PAUTA – Recentemente, a Abraji saiu em defesa da Miriam Leitão, mãe de um jornalista da Abraji, que disse ter sido agredida por petistas durante um voo. Nos dias seguintes, a versão da jornalista foi contestada por muitas fontes e inclusive por gravações de vídeo. A Abraji investigou o fato? O que aconteceu? Quem tinha razão?

THIAGO – Essa é uma ótima pergunta, porque nos permite fazer uma reflexão importante. Em primeiro lugar, a defesa da Míriam nada tem a ver com parentesco dela. E é fácil verificar isso: nos últimos anos, a Abraji se manifestou centenas de vezes quando repórteres foram intimidados ou assediados pela polícia, políticos ou militantes partidários. O artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos é preciso: "todo indivíduo tem o direito à liberdade de opinião e expressão e este direito inclui não ser molestado (ou perseguido) por causa de suas opiniões, de investigar e receber informações, e de difundi-la sem limitação de fronteiras". O relato e o vídeo deixam claro que os gritos naquela aeronave foram direcionados à repórter que ali estava. O direito a não ser perseguido ou molestado por suas opiniões serve para um jornalista de O Globo, do Estado de Minas, da Rádio Itatiaia, do DCM ou do Antagonista. Se nós, jornalistas, não tratarmos este direito como algo que diz respeito a todos, ele se enfraquece e é útil a ninguém.

PAUTA – A Abraji está realizando a primeira pesquisa sobre assédio a jornalistas mulheres no país. O que motivou a pesquisa?

THIAGO - A questão de gênero não é um tema de atuação prevista no estatuto da Abraji. Tratamos o enfrentamento ao assédio à repórter como nossa causa ao perceber que o fenômeno é uma ameaca ao exercício do oficio em seguranca. Toda fonte deve compreender que a repórter está ali em busca de informação de interesse não apenas dela, mas de toda sociedade, e que insinuações de natureza sexual são ameaças ao exercício dessa função. Cerca de 900 jornalistas de todo país responderam a uma pesquisa feita em parceria com a "Gênero e Número", excelente iniciativa de debate sobre diversidade de gênero e jornalismo. A pesquisa busca mapear e entender a dimensão do problema. Até o fim do ano todo mundo conhecerá os resultados deste trabalho.

NOVEMBRO/DEZEMBRO 2017

'VALORIZAÇÃO DO JORNALISTA

É FUNDAMENTAL PARA A QUALIDADE DO JORNALISMO'

Num momento de profundas transformações no jornalismo brasileiro, o programa da disciplina Jornalismo Popular e Comunitário da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA) é uma mostra de que a academia está atenta. Titular da disciplina, o professor doutor Dennis de Oliveira aborda temas como o príncipe eletrônico, jornalismo alternativo e comunicação popular. Chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA, ele coordena também o Centro de

Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação e participa do Grupo de Pesquisa de Jornalismo Alternativo e Popular e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares do Negro Brasileiro, todos da USP. Este ano, publicou o livro "Jornalismo e Emancipação: Uma prática jornalística baseada em Paulo Freire", no qual desenvolve ideias da sua tese de livre docência e defende a prática de um jornalismo emancipador. Por e-mail, ele concedeu a seguinte entrevista à PAUTA.

PAUTA – De que trata o livro "Fornalismo e Emancipação: Uma prática jornalística baseada em Paulo Freire"?

DENNIS DE OLIVEIRA - Nesta obra eu faço algumas considerações sobre os dilemas do jornalismo na sociedade contemporânea. Alguns aspectos que destaco: primeiro, a crise dos arranjos institucionais do sistema de democracia representativa em função da reorganização do capital que possibilitou que um grupo pequeno de grandes corporações transnacionais tivesse poder de fogo maior que muitos Estados nacionais; segundo, o impacto das novas tecnologias que dessacralizaram o sistema de produção de informações. possibilitando que qualquer pessoa possa produzir e disseminar informações, quebrando este monopólio do jornalista; terceiro, a transfiguração da idéia de cidadão para a de consumidor imposta por uma sociedade cuja lógica do consumismo impera; quarto, uma alteração lenta mas consistente do panorama da indústria da comunicação e da cultura que tende a se direcio-

nar para os controles dos processos produtivos de informação, tendo como exemplo o crescimento das gigantes Google e Facebook que não produzem conteúdo, mas o gerenciam. Tudo isto tem impactado fortemente a noção clássica do jornalismo como lócus privilegiado da informação de relevância pública, da busca do esclarecimento e da fiscalização independente dos poderes constituídos.

PAUTA – O Sr. considera a mídia atual como um dos alicerces de um tripé de manutenção do poder, formado também pela indústria bélica e pelos agentes financeiros. Como isso acontece?

DENNIS - O mundo hoje é submetido ao que chamamos do triplo poder destes monopólios. Temos uma concentração brutal do capital expresso no poder das grandes corporações transnacionais e um exemplo disto é o fato do faturamento do Grupo WalMart ser superior ao PIB de vários países – se fosse um país, o WalMart seria o 22º país do mundo, acima da Argentina e da Suécia, seria o segundo da América do Sul, atrás apenas do Brasil. Este poder do

capital também é expresso pelo poder do mercado financeiro que faz rolar atualmente nos mercados especulativos uma quantia que é dez vezes superior à riqueza mundial - portanto, circula um dinheiro sem lastro, meramente especulativo e que se impõe via diversos mecanismos, como as agências de avaliação que praticamente impõem aos Estados nacionais, em especial dos países da periferia do capitalismo, a adoção de políticas econômicas que não contrariem os seus interesses. Ao lado deste poder do capital, temos o poder bélico, expresso pela concentração da indústria de armamentos. Das dez maiores corporações do setor, nove são estadunidenses. O orçamento militar dos EUA supera a soma dos orçamentos militares dos dez países seguintes no ranking de gastos militares. Com isto, temos uma máquina de guerra concentrada e que serve como elemento de dissuasão. E, finalmente, o poder da mídia, expresso na concentração global da produção e distribuição dos produtos informativos e culturais, com grande crescimento e liderança das empresas que controlam as redes sociais, impondo uma forma



'O QUE ESTÁ
EM CRISE É O
MODELO DE SE
ORGANIZAR
A PRODUÇÃO
JORNALÍSTICA.'

'CADA
VEZ MAIS
PRECISAMOS
DO
JORNALISMO
BASEADO NOS
PRINCÍPIOS
ÉTICOS.'

de sociabilidade aderente a este sistema global. Este é o grande dilema da contemporaneidade. Avançamos na consolidação das democracias liberais no continente latino-americano, entretanto, o poder se deslocou das estruturas do Estado nacional para um poder global controlado pelo capital privado.

PAUTA – O Sr. acredita que o Jornalismo que se pratica hoje já se confunde com o fenômeno das fake news?

DENNIS – As redes sociais e as tecnologias da informação e comunicação tiveram como consequência negativa a equivalência entre todos os tipos de narrativa, desde as fake news, a boataria, as ofensas pessoais e as grandes narrativas, as informações de qualidade, entre outras. A hegemonia do controle dos processos distributivos de empresas que estão preocupadas em vender os perfis dos seus usuários para propagandas customizadas, como é o caso do Google, reforca ainda mais esta situação. É preciso que o jornalismo resgate seus princípios éticos e papel social para se mostrar como um discurso diferenciado destas outras narrativas.

PAUTA – A crise do Jornalismo é profunda e há quem acredite que essa forma de narrativa tem os dias contados. Na sua opinião, qual é o futuro do Jornalismo?

DENNIS – Eu tenho opinião contrária a isto. A situação atual mostra que cada vez mais precisamos do jornalismo como narrativa baseada nos princípios éticos, da veracidade da informação, da autonomia intelectual do jornalista, da relevância pública, entre outros. Uma sociedade em que as mediações são realizadas na dimensão meramente da espetacularização, da boataria, das fake news, tende a se afundar e jogar no lixo os princípios democráticos. Eu penso que o que está em crise é o modelo de se organizar a produção jornalística. As mudanças sociais estão impondo alterações profundas na estrutura da produção jornalística. Como as empresas de jornalismo estão sendo impactadas financeiramente com isto, tendem a cair no conto fácil de se abandonar o jornalismo e partir para outras narrativas midiáticas.

PAUTA – Ao mesmo tempo em que veículos tradicionais definham, a gente vê uma grande diversidade de novos veículos alternativos ocupando espaços vazios. Esses veículos podem substituir a velha grande imprensa?

DENNIS – Podem substituir se, para além dos suportes, pensarem em recuperar os princípios básicos da atividade como falei anteriormente. Jornalismo compõe-se de fundamentos estéticos e metódicos perpassados por valores éticos, de defesa do interesse público e da democracia.

PAUTA – Em que as ideias do educador popular Paulo Freire podem ajudar o Jornalismo?

DENNIS - Na minha obra eu proponho o conceito de "jornalismo emancipador", ou jornalismo como ação cultural para a emancipação, uma analogia com a idéia de Paulo Freire de educação como ação cultural para a liberdade. Para tanto, é necessário transformar o espaço do jornalismo num ecossistema de saberes vividos, reposicionando as técnicas de captação jornalística para uma perspectiva dialógica, transcender as agendas institucionais na construção das pautas e reafirmar os valores democráticos não só no sentido da liberdade, mas também e principalmente da igualdade. Identificamos algumas experiências – tanto em jornais da chamada "grande imprensa" como em mídias comunitárias - que se aproximam desta idéia. Mas tenho consciência da imensa dificuldade de se praticar um jornalismo assim diante da situação de intensa precarização e aviltamento do trabalho do jornalista, razão pela qual considero que a valorização deste profissional é ponto fundamental para se pensar na qualidade do jornalismo.

PARA QUEM GOSTA DE LER

ROBERTO MENDONÇA

A recém-lançada revista "Inclusive. com", da qual sou o editor, expressa a ironia no nome – inspirado na rede que abriga as vacas magras do jornalismo cultural, no sítio de equívocos dos donos e muitos de seus representantes diretos na condução de veículos de comunicação. Refiro-me a investidores travestidos de jornalistas e seus executivos alocados a partir do apetite político e econômico, em detrimento da capacidade técnica e do feeling necessário à ótima prática do oficio. Essa geração de administradores, estabelecida no final da década de 80. crê que as publicações originalmente impressas devem enfrentar a suposta concorrência da internet assimilando o caráter peculiar a esse mundo digital. Em vez de se utilizarem do instrumental tecnológico para minimizar custos e incrementar a formação de públicos qualificados, tradicionais veículos têm se submetido, incondicionalmente, à babel de imagens e textos superficiais que pulula nas redes sociais. Assim, desqualificam-se como objetos culturais específicos, poderosos, matizados pelo cultivo da linguagem jornalística no melhor estilo; acabam fulminados pelas crises de identidade, deflagradas com arremessos publicitários, anunciando novos projetos visuais, e encerradas com a demissão dos jornalistas mais experientes. Do vácuo emergem séquitos de desempregados e a cultura do tabloide impresso e digitalizado no padrão Facebook.

A agonia do jornalismo standard sucede a miopia dos estrategistas da mídia tradicional e completa o ciclo que eles próprios iniciaram há três décadas.

Diante do achaque nos cadernos culturais, da espúria substituição da crítica especializada pelos caraminguás da moda e da culinária, os que defendem a manutenção da qualidade e quantidade de textos e informações contra a linguagem resumida e rasteira - são sempre rechacados, rotulados de rebeldes e retrógrados subjugados no reino dos smartphones. Mas as imagens meramente ilustrativas e os "infográficos" são acessórios de uma reportagem completa, jamais a própria reportagem. Embora seja mais fácil praticar o jornalismo reduzido, vem dessa opção a gênese das demissões em massa, do acúmulo de tarefas, da falência anunciada do status profissional. E ao final do processo, o ônus é sempre arremessado sobre os próprios jornalistas, enquanto os verdadeiros responsáveis se justificam com o alarde das despesas elevadas e até mesmo a concorrência com a internet, nesse caso conjuminando incompetência com hipocrisia.

Na contramão dos desfocados, a qualificação acadêmica resiste, diante de obstáculos como as estratégias de pulverização do diploma engendradas em Brasília e o entretenimento popularesco, alimentado por gerentes de marketing e emissoras de televisão chafurdadas no baú da dinheirama.

Não é por acaso ou por obra da evolução mercadológica que tantos experts das redações, muitos deles lapidados em gerações de ouro dos campi, hoje são professores universitários, donos de botecos, empreendedores artísticos, funcionários de empresas públicas e estatais

Eu sobrevivo trabalhando em casa.

Edito livros, revistas, vídeos e músicas. Esporadicamente, dependo de empresas às quais os governos despacham, em troca de beneficios (sic) fiscais, a responsabilidade do apoio a projetos culturais neste país chafurdado na ignorância e no consumismo.

De volta ao começo, e apesar de evidentes dificuldades e limitações, "Inclusive.com" vem conquistando espaços e prepara a expansão no site. Resta-nos, sem modéstia e ilusões, acomodar certa confraria, a dos que amam a leitura, no minúsculo sítio do contraditório latifúndio digital que é pasto de todos. Para quem sabe ler, um pingo é letra. Para quem adora ler, cada letra é um oceano.



ROBERTO MENDONÇA é escritor, editor de obras literárias e musicais, artista gráfico, ex-professor universitário. Foi editor do Jornal de Domingo, da TV Band Minas e do Hoje em Dia. Atualmente é editor da revista Inclusive.com.

foto: Clarice Fonseca/Manduruvá

A EXPERIMENTAÇÃO DE O BELTRANO

JOSÉ ANTÔNIO BICALHO

No dia 15 de dezembro do ano passado, conseguimos colocar O Beltrano no ar, depois de um mês de trabalheira maluca na estruturação gráfica e do sistema do site e na produção de conteúdo. Escolhemos fazer a estreia na segunda quinzena de dezembro por motivos estratégicos. Trata-se de um período meio apagado, no qual as pessoas emendam festas de fim de ano com férias. Por isso, acreditávamos que nossos inevitáveis erros iniciais iriam passar despercebidos. Uma bobagem, mas foi isso que a nossa insegurança ditou que deveríamos fazer.

O resultado não foi exatamente o es-



JOSÉ ANTÔNIO BICALHO foi editor de economia nos jornais Hoje em Dia e O Tempo e repórter na Gazeta Mercantil, Diário do Comércio, Jornal do Commércio, O Globo e Bloch Editores.

perado. Vários erros foram prontamente identificados por leitores atentos. E o que passou despercebido foram algumas excelentes matérias iniciais.

Abrimos o site com uma reportagem profunda sobre aborto, intitulada "É pela vida das mulheres", da talentosa Daniela Mata Machado. Nossa intenção, ao manchetar o assunto espinhoso, era mostrar de cara a que viemos. Nosso site seria progressista e defensor das boas causas. Trabalharia com responsabilidade, faria jornalismo sério, checaria fatos e números, daria espaço ao contraditório, mas não seria isento. Nos colocaríamos sempre a favor dos direitos do cidadão, das minorias, dos pobres, das mulheres, dos movimentos sociais e LGBT e dos trabalhadores.

Vieram na sequência outras belas reportagens, que são a alma de O Beltrano: uma longa matéria sobre a história do hip hop em Belo Horizonte (Roger Deff); um furo sobre o afastamento dos procuradores que investigavam o acidente da Samarco (Clarissa Carvalhaes); a primeira entrevista do grafiteiro Goma após a saída da prisão (Rafael Mendonça e eu); uma análise do ressurgimento do Carnaval 'combativo' de BH (Bárbara Ferreira); a cobertura criativa de todas as grandes manifestações de rua que aconteceram de lá para cá – a marcha das mulheres de 8 de março, o Fora Temer de 15 de março, a Parada Gay de 16 de julho, entre outras.

Também fizemos matérias sobre as ocupações na Grande BH, os assassinatos de camponeses sem terra, o preconceito e a violência contra terreiros de candomblé, a realidade de gays e trans nas prisões, a excrescência da proposta da escola sem partido, o absurdo da retirada compulsória de bebês das mães dependentes químicas... e tantas outras que, ao longo dos últimos nove meses, acabaram por forjar um caráter e uma personalidade inequívocos ao O Beltrano.

ÉTICA E INDEPENDÊNCIA

Quem bate o olho no nosso site entende muito rapidamente o que estamos fazendo ali. Em primeiro lugar, estamos fazendo jornalismo. Não somos um blog de opinião pessoal (nada contra, pelo contrário), mas um grupo de jornalistas fazendo um jornal como acreditamos que deva ser feito – com ética e independência, sem amarras políticas ou econômicas.

Em segundo, estamos resgatando uma categoria de jornalismo a cada dia mais esquecida pelos grandes jornais, que é a grande reportagem – para citar mais um exemplo, empreendemos uma expedição ao sertão nordestino para uma série de reportagens sobre os efeitos sociais da transposição do rio São Francisco (Bruno Moreno).

E, em terceiro, fazemos um jornalismo progressista, compromissado com as causas e movimentos sociais, centrado em Belo Horizonte e nas políticas públicas para a cidade.

Se ser progressista é ser de esquerda, sim, O Beltrano é de esquerda. Mas a boa novidade nesses tempos sombrios é



O repórter Lucas Simões, o editor Rafael Mendonça (sentado) e o editor José Antônio Bicalho, do O Beltrano, um saite de notícias que não esconde a que veio

que uma parte significativa dos integrantes do que se convencionou chamar de direita converge para o campo progressista numa infinidade de assuntos, como nas causas LGBT, na descriminalização das drogas e nas cotas raciais. Não são, logicamente, maioria, mas já formam um grupo identificável e representam uma tendência. Destes, acreditamos que teremos respeito e leitura. Daqueles, ao menos respeito.

Mas, como Pauta é uma revista para jornalistas, acredito que seja interessante relatar aqui, rapidamente e sem floreios, a experiência de viabilização de O Beltrano, que ainda está em processo, mas que pode servir como exemplo para outros que queiram trilhar esse caminho.

SÓCIO INVESTIDOR

A ideia de produzir um jornal independente, focado em Belo Horizonte, em movimentos sociais e em políticas públicas para a cidade, não era nova. Há alguns anos, cheguei a reunir um grupo de jornalistas para tentar colocar o projeto em prática de forma cooperativada. Apesar do entusiasmo da turma, a ideia não foi adiante por falta de grana.



Fazer jornal, principalmente na internet, não é coisa das mais caras. Mas custa um certo dinheiro que a maior parte de nós não possui, muito menos eu. Parti, então, para a busca de um investidor parceiro, identificado com a linha editorial e que acreditasse na viabilidade do negócio e no retorno do investimento. Essa foi a parte mais dificil, mas tive a sorte de encontrá-lo. Meu sócio investidor, é, digamos assim, surpreendente em meio ao capitalismo selvagem e odioso do Brasil. Ele não sonega impostos e não paga propina. Então, é diferente. Honestidade pode não ser qualidade na Suíca, onde não passa de obrigação, mas no Brasil ainda é.

O segundo passo foi a definição da linha editorial, que veio quase que naturalmente pela conjunção de interesses profissionais e identificação de pensamento do pequeno núcleo de jornalistas que criou O Beltrano (deste restamos eu e Rafael Mendonça, como editores, tocando o barco). Daí, partimos para a execução do projeto, de colocar as ideias na prática e construir o site propriamente dito. Partindo do zero, fizemos isso em um mês, contando do desenvolvimento do site – do design e de suas funcionalidades -, à produção das primeiras matérias e convite aos colunistas. Em um mês, tempo recorde, colocamos a coisa toda no ar.

Logicamente, não ficou o ideal. Muitos detalhes precisaram ser ajustados, e ainda estão sendo. Mas essa foi outra opção estratégica. Tínhamos pouca grana como investimento inicial e não poderíamos gastá-la em um tempo alongado de desenvolvimento e ajustes. Colocaríamos o carro para andar e ajeitaríamos o que fosse necessário com ele em movimento. Assim foi feito e se mostrou o mais acertado.

DEMANDA REPRIMIDA

Estamos ainda nos primeiros passos e não podemos acelerar acima das nossas possibilidades. Para controlar os custos, temos uma equipe fixa mínima, composta pelos dois editores sócios (eu e Rafa Mendonça), um repórter talentosíssimo da nova geração (Lucas Simões),

Matérias polêmicas estão na pauta do O Beltrano



uma criativa contato comercial (Júnia Falabella) e um amalucado – como de resto todos nós – desenvolvedor de sistemas (Julião).

Os demais são colaboradores, escolhidos a dedo entre o que há de melhor na imprensa mineira e nacional. Repórteres que acreditam no projeto e que recebem por seu trabalho, ainda que aquém do merecimento de seus talentos. E, ainda, nossos colunistas, entre eles o grande Fabrício Oliveira, que formou gerações na UFMG e é nosso homem na economia, e João Gualberto, na política, que foi limado da grande imprensa por ter caráter demais.

Com essa turma, ao longo de poucos meses, ganhamos uma respeitabilidade surpreendente. Já somos reconhecidos pela seriedade e pelo tratamento correto da informação. Sabíamos que era isso que faltava ao jornalismo mineiro e apostamos no óbvio: independência, profundidade, credibilidade e posicionamento firme e claro, sem o falseamento do mito da isenção jornalística.

O longo período de cooptação e censura imposto pelo clã Neves aos veículos tradicionais de comunicação acabou por gerar uma demanda reprimida por jornalismo de verdade em Minas. E, ironicamente, é nesse nicho que O Beltrano aposta.

VIABILIDADE ECONÔMICA

O drama, agora, é fazer de O Beltrano um negócio viável e sustentável. Temos

algumas qualidades que são comercialmente interessantes, como um público inteligente e segmentado, formador de opinião, atuante politicamente, geograficamente concentrado e com hábitos de consumo identificáveis. Mas ainda não temos uma audiência que se compare ao de sites "caça cliques", de fake news, de celebridades ou de quiz. Nem comparável aos dos grandes portais de hard news. Enquanto um portal dos grandes jornais publica por volta de 100 notícias de consumo rápido por dia (produção própria e de agências), nossa média vem sendo de três (unicamente produção própria). Mas três boas matérias por dia.

NOVEMBRO/DEZEMBRO 2017

Nossa aposta, portanto, está na qualificação e segmentação do público leitor, e não na quantificação de cliques. Se as agências de publicidade e anunciantes entenderem isso, talvez tenhamos alguma chance.

Estamos apostando nessa viabilidade econômica, mas conscientes de que somos uma experiência absolutamente nova. Se conseguirmos atingir a sustentabilidade, estaremos apontando um novo caminho para o jornalismo e para os jornalistas mineiros, cansados e desiludidos com a grande mídia. Estaremos abrindo uma trilha por onde outros poderão passar. Portanto, desejar longa vida ao O Beltrano, como tantos já o fizeram, significa, no final das contas, desejar longa vida ao nosso próprio trabalho como jornalistas.

REVOLUÇÃO DO COMPARTILHAMENTO

BRENDA MAROUES PENA

urante quatro dias de julho se reuniram na capital argentina centenas de jornalistas e midiativistas de vários países da América Latina. Esta foi a segunda vez que participei de um encontro da Facción, a primeira foi em 2015, em Montevidéu, Uruguai, e desde então faço parte desta rede que tem um processo de cobertura de movimentos sociais e de produção intenso.

O encontro Facción Latina deste ano propôs que cada um que quisesse uma revolução para as mídias começasse a ser parte desta revolução! Utopia? Que seja! Mas só os pensamentos utópicos levam além do fluxo que a corrida pelo capital nos impõe.

Ora, ainda assim são necessários recursos, certo? A questão é compartilhar: conhecimentos, conteúdos e afetos. Assim, desfrutamos e aprendemos juntos, de forma auto-gestionada a desenvolver projetos, plataformas de cobertura de comunicação e cooperação mútua, valorizando toda esta diversidade latino-americana com muitas cores, sabores e saberes.

Como coletividade, os integrantes da rede Facción sabem o quanto é necessário construir um novo mundo e se unem nesta busca. Afinal, se o



sistema político e econômico atual não nos representa, é necessário nos movermos para criar outras formas de viver, a partir de vivências mais coletivas. Assim, midiativistas integrantes de coletivos de várias partes da América Latina têm se unido para juntos seguirem em compartilhamentos mútuos.

E foi neste espírito que nos encontramos mais uma vez, no quarto encontro, sediado em Buenos Aires, Argentina, de #AmorSiMacriNo, #NiUnaMenos e de tantas outras lutas coletivas e vozes juntas contra todos os retrocessos e por mais acesso livre à internet, aos meios de comunicação e produção, pela cultura, comunicação e direitos de todos os povos!



BRENDA MARQUES PENA é jornalista, diretora do Sindicato, produtora do Agenda, da Rede Minas e presidente do Instituto Imersão Latina, que integra o Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (FNDC-MG) e a Rede Facción Latina.

11

fotos MARCELO PRATES

UMA HISTÓRIA, UMA FOTO

MARCELO PRATES

A história dessa foto é a seguinte: há três meses eu já estava com passagem comprada para vir para New York. Cheguei no dia 13 de agosto, um domingo. Vim para fazer uma surpresa para a minha mulher, Marlice. Na verdade, no pacote da surpresa estava o níver dela, dia 15 de agosto, e o evento celestial mais importante aqui nos EUA: o eclipse do Sol. Na segunda-feira 21 de agosto ficamos por conta de nos prepararmos para receber as energias emanadas pelo sol. Foi incrível. A foto foi feita no Rainey Park, em Long Island City, às margens do River East. Comecei a fotografar às 1h35 e terminei às 3h50 PM. Usei uma câmera Nikon D500, lente 300 mm f2.8, duplicador 2x, filtro especial para fotografar o Sol.



MARCELO PRATES foi repórter fotográfico do jornal O Globo e editor de Fotografia do Hoje em Dia. Fotógrafo atento de pássaros no espaço urbano, já publicou diversos livros sobre o tema. Atualmente, divide seu tempo entre Belo Horizonte e Nova York, onde mora sua mulher.

Artur Almeida com a mulher, Sara,

as filhas Iara, Paula e Amanda (em

primeiro plano) e a cachorra Cholita

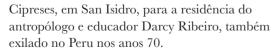
AMANDA MONTEIRO

onge do Brasil por imposição da ditadura militar, dois adolescentes cumpriam todos os sábados a tarefa, dada pelo pai, de seguir até o escritório da Varig em Lima para buscar uma encomenda. Por camaradagem, a equipe de limpeza dos aviões juntava uma pilha de jornais, que viajavam com os passageiros vindos do Brasil e seriam jogados fora, para os Almeida.

Foi a maneira que meu avô, Guy de Almeida, encontrou de acompanhar o que se passava no país naqueles tempos sombrios e, vale lembrar, sem a internet de hoje. Depois da leitura, o amontoado de periódicos ganhava outros olhos. Era levado por Arnaldo e Artur, segundo e terceiro da escadinha de cinco filhos, da casa na Rua Los



UU U JUKNALISIMU COMO DEVER SOCIAL



Artur e os outros filhos testemunharam, desde cedo, a postura do meu avô de não se abater com a realidade, mas, sim, encará-la, enxergar suas nuances, investigar as possibilidades de a coletividade seguir em frente. "Sem ser Dom Quixote!", costuma ponderar meu avô.

Guy queria que os filhos também estivessem atentos ao mundo. Vez ou outra, se sentava diante de algum deles e perguntava, como quem não quer nada, o que estava se passando aqui e acolá. Não raro, eles se sentiam emparedados. Em casa e nas redações, Guy, o "Sá Onça", tinha fama de bravo.

Foi ele também que introduziu os filhos no universo da literatura. "Você nos apresentou a amigos ilustres logo na adolescência. Dostoiévski, García Márquez, Vargas Llosa, Steinbeck, Gorki, Tolstói e tantos outros que nos ajudam até hoje a entender melhor a vida", rascunhou meu pai numa crônica sobre os 70 anos do meu avô.

Vovó Clélia era doce e firme na criação dos filhos. Ela também delegava tarefas, entre as quais que escolhessem alguém da família no Brasil para escrever uma carta de quando em quando. Era uma maneira de colocá-los para treinar o português – dois foram alfabetizados em espanhol e os outros três também já tinham mais familiaridade com o idioma estrangeiro que com o nosso. Aquele exercício também servia para evitar que perdessem os laços com os parentes e o país.

Foram 11 anos fora, entre Chile e Peru. Meu pai relatava a ansiedade e as preocupações que tomaram conta da família nas últimas semanas antes da volta ao Brasil, em 1977. Os meninos chegaram com português com sotaque de gringo, sendo zombados por falar "mais grande" e "mais pequeno". Regressaram também convencidos de que meu avô tem a "impressionante capacidade de se reinventar", como descreveu meu pai em um texto para ele.

21

O ambiente colaborou, mas meu avô diz que meu pai escolheu mesmo a carreira de jornalista, ao voltar ao Brasil, por vocação. Na infância, detestava matemática, gostava de plantas e bichos. Só deslanchou mesmo nos estudos quando entrou para a Faculdade de Comunicação. "Foi um caminho muito natural, bem anterior ao momento em que se deve escolher a profissão para prestar o vestibular", nos contou vovô, numa conversa de fim de semana.

Orgulhoso, ele diz que Artur encarava o jornalismo como dever social, era um repórter cidadão. Prezava pelo que era "essencial na organização de uma boa sociedade, uma construção positiva e coletiva do mundo sem atender a interesses específicos".



Formado em 83 na PUC Minas. meu pai me contou que, ao iniciar a carreira, queria trabalhar em jornais impressos, seguindo os trilhos do vovô. O apresentador que encarava a câmera com firmeza para cobrar as autoridades pelas "promessas, eternas promessas" tinha vergonha daquela lente nos primeiros anos de TV. Começou como produtor e contava que suou frio quando foi para o vídeo pela primeira vez. Consolidou-se na TV, da qual passou a gostar pelo grande alcance e impacto social.

Me lembro da disciplina nos anos de Bom Dia Minas, quando levantava antes das 4h, pisando na ponta dos pés para não nos acordar. Era metódico com suas responsabilidades. Rigoroso na cobranca à sua equipe. Mas a imagem de bravo se desfazia com suas tiradas de humor repentinas. Seriedade não é sinônimo de ser carrancudo. Meu avô - nada "Sá Onça" com os netos, mas, sim, um generoso fornecedor de "surpresinhas" – completa que meu pai não era um intransigente, mas coerente

Em casa, oficialmente, só eu partilho da profissão do meu pai. Mas a dedicação e a convicção com as quais ele tocava diariamente seu oficio fizeram da mamãe e das minhas irmãs também um pouco jornalistas. Com ele, a gente aprendeu a dissecar as notícias: seu impacto, o motivo de serem publicadas dessa ou daquela forma, a produção nos bastidores, as sugestões implícitas, as omissões.

Guardava o desejo de se dedicar a escrever livros para a aposentadoria, enquanto se divertia com textos para a

AMANDA MONTEIRO é

Braziliense em Brasília

iornalista formada em 2008, na PUC Minas. Trabalha na sucursal do Globo em Brasília como repórter da coluna Poder em Jogo. Começou sua carreira no Estado de Minas, foi correspondente do Globo em Belo Horizonte e repórter do Correio

família, quase sempre despretensiosos. Lembro que, pequena, vi meu pai se sentar em casa para rascunhar umas linhas fofas sobre os ipês multicoloridos emergindo no cenário de BH. Pensava num encerramento leve para o noticiário e se entusiasmava na tarefa de escolher as melhores palavras.

A mesma pessoa dada a essas suavidades levou como marca a firmeza com que espremia autoridades. Em janeiro de 2003, houve um dilúvio em BH. Quem viveu na cidade naquela época se lembra daqueles dias traumáticos. No Morro das Pedras, uma tragédia soterrou nove criancas de uma mesma família. Só o pai sobreviveu e, de tudo o que tinha, conseguiu recuperar uma sacola de supermercado, com contas a

Meu pai já era o âncora do MGTV. Naquele dia, o entrevistado ao vivo representava o governo da vez. Foi incisivamente cobrado por ele, ao vivo, para explicar projetos não executados, datas não cumpridas e uma série de omissões que, de certa forma, contribuíram para a tragédia. Com toda a mobilização, não só das redações, o poder público se mexeu e houve alguns avanços depois

Para o lado da nossa profissão, é o que fica dessa ausência tão triste e inesperada: a reflexão sobre a necessidade de formar jornalistas cidadãos como ele forjados na vida, não só nos bancos de faculdades – e fortalecer o jornalismo local em tempos de redações cada vez mais enxutas e centralizadas em Rio, São Paulo e Brasília.

Os problemas da cidade são, em geral, universais e cabe, portanto, enxergá-los por uma lente grande-angular. Dar importância às pessoas sem voz e suas demandas reais é função nobre e elementar do jornalismo e faz com que ele tenha mais capacidade de transformação. Nosso oficio exige também utopia.

Na minha vida, perdi o melhor conselheiro – descobri, no enterro, que não só meu, das minhas irmãs e da minha mãe, mas de muitos amigos e colegas -, que não me deixava titubear: "Amanda, a fonte não é sua amiga.



NOVEMBRO/DEZEMBRO 2017

Artur e o pai, Guy de Almeida, no exílio no Chile

Autoridade tem de ser responsável ao falar". A pessoa que me entregou o diploma em mãos vibrava diariamente com as minhas conquistas profissionais e pessoais. Nos momentos de desânimo, me recomendava paciência e mãos na

Quem me recebia no cantinho dele, entre montanhas, em Casa Branca, com um sorriso largo e um abraço gostoso. Lugar onde, entre uma taça e outra de vinho, repetia os princípios que ouvi desde criança.

Em seu último aniversário, agradeci pelos momentos incríveis que a gente viveu junto. Falei sobre como o admirava. "Obrigado, filha. Desculpa pelo excesso de poesia em nossas vidas. Mas 'tudo vale a pena quando a alma não é pequena'. Li isso, pela primeira vez, no escritório do meu pai", me respondeu, citando aquele menino que, lá em Lima, buscava jornais para o meu avô.

TRABALHO RECONHECIDO

MARLOS NEY VIDAL

uando formei em jornalismo, há quinze anos, já trabalhava há dez no jornal Estado de Minas, onde comecei como Contínuo. Depois de realizar o sonho de me tornar jornalista e publicar regularmente no jornal onde comecei ainda adolescente eu não imaginava exercer a profissão em outro lugar.

Cheguei até a receber uma proposta para trabalhar em São Paulo, o que poderia ter sido ótimo, pois para quem deseja atuar no jornalismo automotivo a capital paulista é o principal mercado.

Porém, deixei a vida me levar e continuei no então grande jornal dos mineiros por mais quatorze anos. Como tudo na vida tem comeco, meio e fim, fui demitido em 22 de março de 2016, depois de 24 anos e dois meses de servicos prestados.

Com o mercado do jornalismo em baixa, com 39 anos, casado e pai, a demissão poderia ser o ingrediente para entrar em desespero. Entretanto, por conta de um iniciativa que começou sem pretensão o desemprego não foi um bicho-papão.

Em abril de 2009, eu estava chateado com a profissão. Um amigo sugeriu que eu criasse um blog. Não esqueço da cena, ele me ajudou com a parte técnica. O nome Autos Segredos veio de bate-pronto.

No jornalismo automotivo, revelar os segredos sobre os lançamentos da indústria é um dos assuntos que geram imenso interesse. Já era especialista na área no Estado de Minas e passei a ter um espaço que serviria de válvula de escape para as chateações do dia-a-dia

Passados oito anos, o que começou como um hobby, tornou-se o meu ganha-pão. Passei a postar quase que diariamente no blog. As publicações,

Marlos e seu parceiro Renato Passos, na entrega do prêmio



no início, eram sempre matérias exclusivas sobre os segredos automotivos. Um ano depois, o formato blog já não comportava e o Autos Segredos passou a ser um site.

Aos poucos, fui expandindo os assuntos e comecei a publicar matérias sobre mercado, lançamentos e também avaliações dos carros novos. A rotina de trabalho no EM e no site estava tão intensa que precisei de ajuda de dois amigos para ajudar nas atualizações. Hoje, um deles está na revista Quatro Rodas e o outro trabalha no jornal O Tempo.

Em agosto, 17 meses depois da minha demissão, ganhei o prêmio de destaque na categoria Internet da SAE Brasil, juntamente com o parceiro Renato Passos. Não exerço o jornalismo com intenção de ganhar prêmios. Para mim, o maior prêmio é o reconhecimento do meu trabalho pelos leitores. Contudo, para quem perdeu a segurança do emprego fixo, saindo do jornal impresso e migrou para a internet seguindo carreira solo, a premiação é um grande estímulo para seguir em frente e focar ainda mais no Autos Segredos.

Ao ser demitido, optei por me dedicar 100% ao Autos Segredos. Com a dedicação exclusiva, aumentei a média de posts por dia. Isso aumentou o número

de visitantes. Produzo em média de quatro a cinco textos diariamente e sempre tento publicar uma matéria exclusiva por dia.

Hoje, o Autos Segredos tem média mensal de 400 mil visitantes únicos. A fanpage no Facebook tem mais de 30 mil fãs e perfil no Instagram está próximo de chegar aos dez mil seguidores. O próximo desafio será criar um canal de vídeo no YouTube.

Editar um site sozinho, cuidar das redes sociais e conseguir sobreviver dele não é nada simples. Acredito ser uma prova de que ainda há espaço para quem quer fazer jornalismo. Não posso deixar de frisar que não é uma vida fácil.

A responsabilidade é grande e exige 100% de dedicação. Apesar de todos os desafios, hoje sou mais feliz, tenho meu trabalho reconhecido e sou dono do meu tempo.

> MARLOS NEY VIDAL é jornalista formado pela PUC Minas em 2002 e pós-graduado em Artes Visuais pelo Senac.

SER-TAN

DEZ DIAS DE

O EU, A TERRA, A ÁGUA, A

AGATHA AZEVEDO

ste relato conta um pouco da minha aventura durante a IV edição d'O Caminho do Sertão, realizada entre 7 e 17 de julho. Sem a pretensão de descrever o que é imergir nestas terras, contando tudo o que vivenciei em cada dia, meu texto é um esforço de síntese das histórias de luta e das sensações que me perpassaram durante o processo. Mais que nada, ele é um convite a aceitar o chamado de embarcar no ser-tão.

PÓS-RELATO DO EU

Desde 2014, o projeto é realizado. Me lembro que quando eu ouvi o Almir Paraka, idealizador do Caminho, contar deste sonho de fazer uma caminhada no mais árido sertão, revivendo as andanças de Riobaldo no famoso livro de Guimarães Rosa, o "Grande Sertão: Veredas", tudo parecia impossível, e em 2017 chegou-se à IV edição.

Este ano, o trajeto era de 176 km, entre Sagarana e Chapada Gaúcha, e eu fui chamada pelo edital de comunicação do Caminho. Pessoalmente, minha maior questão era desacelerar. A frase que se repetia na minha cabeça era "respeitar

os tempos". No sertão, os tempos são outros. A hora de comer é diferente, acordamos bem mais cedo. o ritmo da vida passa em outra frequência e o próprio caminhar é específico, questão que eu só descobri após o primeiro dia, quando vi que teria que diminuir o passo para seguir avançando. Como na vida, o caminhar é retroceder um pouco para avançar muito mais e chegar bem mais longe.

Qualquer pessoa pode caminhar, e que ninguém diga o contrário nunca. Das bolhas no pé à verdade da minha atuação no mundo, nestes dias houve algo de reinvenção do meu eu. Andei descalça, ousei confiar no meu corpo-máquina. O que eram as minhas conviçções depois disso? Balela. Um montão de campos em branco a serem preenchidos e remoldados ao longo da vida e do pós-eu ser-tão-um(a).

A TERRA

Sertão é terra de caliandra, gente que resiste às áreas inóspitas com a mesma delicadeza e beleza da flor do sertão. Nos rostos, marcas de sol, castigo e alento na região, e a saúde de quem não consome tantos industrializados e planta o próprio alimento. Gente que planta, benze e luta para manter e criar tradições.

Com em média 500 habitantes, há ritual e mito em cada grão daquele chão. Nele se fez política pública, reforma agrária, divisão de terras. Hoje, o local é ponto de partida dos caminhantes do projeto. A região lida com diversos problemas ocasionados pela distribuição das pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) durante a reforma agrária, que desconsiderou as características culturais e agrícolas das famílias assentadas.

Estivemos caminhando por diversas cidades assentamento de camponeses que passaram por processos de grilagem. Entraram pelos nossos ouvidos histórias sobre terras onde ser agricultor familiar e produzir longe do agronegócio e suas cercas e tecnologias maléficas à saúde e ao meio ambiente são praticamente considerados crime.

Há quem diga, num estereótipo errôneo, que não dá para plantar no sertão. Provavelmente, os mesmos que grilaram o primeiro hectare de terra, descumprindo

O cerrado é a maior formação savânica da América do Sul, está em mais de 20% do Brasil e é um bioma quase tão grande quanto a Amazônia. No Parque Nacional Serra das Araras, vi diversos frutos, árvores e rastros de animais que só existem neste bioma. Segundo o

O sertão é sol, a chuya é mera visitante escassa. Andamos com vezes o único recurso que queríaterceiro maior município exportador de soja do estado. Justo nesta região onde, segundo os fazendeiros e grileiros de terra, "ninguém iria querer morar porque não tem água", se veem hectares e mais hectares de monocultura. O que é ter terra se falta água para o plantio?

Camila, moradora da região e filha de Jorge, militante histórico, conta que a água é interrompida diretamente das nascentes, que por razões extra-legais (o famoso senso de ética elástico) estão em terras privadas. Essa água não chega até o pequeno produtor e lutar contra os patrões é ainda mais perigoso no campo. O pai de Camila está preso desde março de 2016 por ter ousado travar esta e outras batalhas.

Muito tempo se passou, mas o ce-



nário de exclusão permanece e o sertão dói. Resistir a cada passo e a cada dia é uma guerra de superação física e emocional. As veredas já não têm mais tanta água. O buriti, árvore da vida, está secando e se partindo. Em uma parada no assentamento Caiçara, na casa de um agricultor que cultivava mais de 32 tipos de mandioca, ouvi que, mesmo com as mãos calejadas e muito esforço, este homem do campo já viu sua plantação secar por falta d'água.

Na boca do povo, histórias de seca, poeira, dificuldade de subsistência e questões de saúde e de alimentação locais. Para além do plantio, a falta d'água afeta até mesmo o tempo necessário para que um frango esteja pronto para o abate, e ter rio próximo de casa é garantia de banho e de água potável para muitas tarefas essenciais na região. Chuveiro elétrico é artigo de luxo.

Por outro lado, em toda casa em que passávamos havia fartura de comida e carne, tão dificeis e inacessíveis na região. Estas são sinal de alegria com o que chega. Cada prato preparado tinha sabor de atenção e dedicação. E mesmo com chances de a água cessar, os caminhantes sempre tinham o melhor que a comunidade poderia oferecer. Há amor e força nos pequenos gestos.

Como diria Guimarães Rosa, o que a vida quer da gente é coragem. Atravessamos o rio Urucuia no domingo, o primeiro dia de caminhada. Naquele momento, meu corpo inteiro se conectava com a mãe Natureza. Nos pés sujos de terra, muitos esparadrapos se misturavam às bolhas e à vontade de imergir naquelas águas e ser batizada de ser-tão. Entendi naquele momento o valor da terra e da água pr'aquela gente.

A MULHER

Esta edição do Caminho foi mais de 50% feminina. Durante todo o percurso, eu pude conviver com mulheres muito guerreiras, e valorizo cada trecho de suas vidas que me foi confidenciado. Desde a alegria de ouvir que a mãe da Denise conquistou o sonho da casa própria, até o simples compartilhar de momentos com a Mari, sempre tão generosa e cuidadosa.

Dentre as caminhantes, conheci a Cida. Filha de camponeses, ela teve coragem de ir para a cidade grande militar pelo campo e lutar nos sindicatos para que o modo de vida da agricultura familiar permanecesse. Vinda de uma família grande, com 8 filhos, sendo 5 meninas, a felicidade era o maior bem que eles poderiam ter.



NOVEMBRO/DEZEMBRO 2017



Os pais de Cida viviam aos mandos e desmandos do fazendeiro dono da propriedade, que impedia ela e os irmãos de estudarem. Em Buraquinhos, ao olhar a casa de adobe da família de Tico, ela retornou àqueles tempos, e me permitiu ouvir sobre a sua vida. Não há como voltar à infância dela, pois o local onde ela viveu com a família foi queimado na frente de todos, por jagunços, e ninguém pôde fazer nada.

Ainda em Sagarana, conheci a história de Helena, cozinheira responsável pela alimentação dos Caminhantes. Orgulhosa, ela me contou sobre a vinda para Sagarana para buscar uma vida melhor e mais tranquila, e a alegria de ter uma atribuição tão grande. Para ela, este trabalho é emancipador e importante, não só pela geração de renda, mas pela oportunidade de se fazer grande e não ouvir de um homem que ela não pode ou não consegue liderar.

Na maioria dos pousos por que passamos, a chefe do lar era uma senhorinha forte e guerreira, que nos recebia com bom alimento. Uma das mais impressionantes é a Dona Geralda. A palavra, ou qualquer outra linguagem comunicacional, não dá conta de descrever sua história de vida.

Oralidade, mistério e enfrentamento se mesclam no modo curiosamente bem humorado que ela descreve as vezes em que escapou da morte. Dona Geralda chegou a Arinos fugindo da miséria na década de 60. O que a senhorinha de cabelos grisalhos buscava era paz, porém os militares da ditadura interromperam este sonho logo no início da vida na região.

Sob a acusação de vínculo com o comunismo, a Fazenda Menino, onde ela morava com os filhos, vivia cercada de militares. Por diversas vezes, ela enfrentou metralhadoras carregadas. Tentaram assassiná-la, mas a bala nunca a alcançou. Para entender o que foi a sua vida e o Brasil daquela época, só a conhecendo de perto. Inclusive, recomendo: as portas de sua casa estão sempre abertas para "os meninos do sertão", como ela chama os andarilhos que passam pela região. De tudo que levo das mulheres que compartilharam estes 10 dias comigo, ressalto a força e o amor pela vida que elas têm.

A COMUNICAÇÃO

A partir de certo momento, me despi de equipamentos, coberturas, narrativas e da crença de que eu poderia registrar em totalidade o que é a travessia do Caminho do Sertão. No primeiro dia me permiti um banho no Rio Urucuia, onde tudo o que importava era sentir o batismo daquelas águas, sem registro. No último dia, fiz o impensável, subi ao Vão dos Buracos de noite, sem câmera, despretensiosa, tomada pela vontade de compartilhar o momento.

Durante o Caminho, entendi que não registrar é também respeitar os tempos, e que para receber relatos é preciso coragem e confiança. Na pausa, vi que comunicar é ato de corpo inteiro. Que transborda. Aceitei as pequenas perdas de registro. Tempo, um presente que o Sertão me deu sem pedir nada em troca.

Há um todo não captável no Caminho do Sertão do qual tardei muito em aceitar. É impossível caminhar nas estrelas que vi, ou descrever o sabor do alimento após um dia inteiro de caminhada. Meu principal desafio era me desprender do olhar viciado, que tudo registra. Não sei se entendi os tempos, mas volto mais generosa. As melhores fotos desta experiência são, sem dúvidas, as que escolhi perder.



AGATHA AZEVEDO é jornalista formada pela UFMG, fotógrafa, cofundadora da rede Jornalistas Livres. Faz parte da equipe de editores nacionais do projeto e coordena seu núcleo local em Belo Horizonte.

HISTÓRIAS

QUE VALE A PENA CONTAR

PAULO HENRIQUE LOBATO

oninho, Caetano e Alberto.
Cada um tem uma história
curiosa, mas nenhuma
foi contada pelos grandes
veículos de comunicação
de Belo Horizonte. Em comum, todas se
passam no Padre Eustáquio, o terceiro
bairro mais populoso da cidade, com
quase 30 mil moradores (IBGE/2010).

Toninho ganhou a vida como pipoqueiro. Por três décadas, esteve em frente a escolas. Serviu crianças que, anos depois, buscam os filhos no colégio. Acompanhou várias gerações. Em julho passado, aos 57 anos, não resistiu a um infarto. Sua morte comoveu o bairro. O portal de notícias publicou a reportagem. Foi a mais lida: quase 3 mil acessos.

Já Alberto, dono de uma oficina mecânica há quatro décadas no Padre Eustáquio, tropeçou num caroço de abacate. Pegou a semente e a plantou na praça. Lá se vão sete anos. O caroço se transformou numa frondosa árvore, que abastece moradores de frutos todos os anos.

Um dia tentaram cortar o abacateiro. Seu Alberto cresceu para cima dos rapazes. O Facebook do mesmo portal

postou a história. Foi a mais compartilhada. Por sua vez, Caetano foi flagrado cantando uma marchinha de carnaval numa birosca do bairro. Enquanto fazia uma coreografia engraçada, ensinava o refrão a amigos.

Um deles sacou um telefone celular do bolso e gravou a cena. Com autorização de Caetano enviou o vídeo para o canal no YouTube do mesmo portal. Resultado: o vídeo "viralizou" no Padre Eustáquio.

As três histórias foram publicadas no portal www.jornaldopadreeustaquio.com. br, criado por mim e Isabella Souto em 10 de julho passado e com 30.345 visualizações em 60 dias. Decidimos montar o site e as mídias sociais dele após três anos matutando a ideia. Por incrível que pareça, a crise econômica que assola o país contribuiu para o portal sair da gaveta.

Explico o porquê: jornais e portais para moradores de um determinado bairro ou região sempre existiram, contudo, diante da crise que afeta o caixa dos grandes veículos de comunicação, os pequenos ganham força e importância. Não há mais como os campeões do mercado



Arte nos muros do Padre Eustáquio e incêndio na Serra do Curral: reportagens do Jornal do Padre Eustáquio estão atentas ao bairro e à capital



cobrirem todos os fatos que ocorrem na cidade. Boa parte deste papel, agora, cabe aos minúsculos.

A crise também afastou pequenos e médios anunciantes da grande imprensa. Mas estes comerciantes não podem parar de divulgar seus negócios: procuram, então, os pequenos veículos, aqueles que falam diretamente para os moradores de determinado bairro ou região.

Mas é claro que os jornais e portais dos bairros não sobrevivem apenas de boas histórias. É importante divulgar conteúdo de serviços. Você não vai ler na grande imprensa que a BHTrans inverteu a direção de apenas uma rua local. Tampouco que o início da tradicional missa (ou culto) será antecipado em 60 minutos no próximo domingo. Ou que o time amador do bairro chegou à final do campeonato regional.

Este grande papel cabe aos pequenos. E acredite: há bastante gente ligada nestas notícias. Mas não pense que o lucro chega rápido. Tampouco que você trabalhará menos que numa redação grande. Ah, mas como vale a pena contar estas histórias!



PAULO HENRIQUE LOBATO é jornalista, repórter do Estado de Minas e editor do Jornal do Padre Eustáquio.

28

JOÃO CARLOS FIRPE PENNA

, 8 de agosto de 1988: Há quase três décadas, eu começava a dar aulas de jornalismo. Acumulava três anos de experiência em jornal diário e tentava passar para os alunos a emoção do que era "trabalhar em uma redação de jornal". Acreditava, como não acredito mais, que o jornalista "de verdade" era aquele que passava por uma redação de jornal. Era preciso, segundo minhas convicções da época, "ter tinta na veia".

Lógico, não existia internet, redes sociais, blogs e quase nenhuma outra forma de se praticar um jornalismo de qualidade como temos hoje.

Ao longo dos anos, aprendi (pelo menos nos veículos onde trabalhei como repórter, pauteiro, colunista e editor) que o bom jornalismo podia ser feito "de baixo para cima": o repórter de rua farejava uma boa pauta, passava para o chefe da pauta, que botava fogo na equipe, enriquecendo a apuração e a cobertura. O editor editava com generosidade de espaço e talento e, se preciso, convencia o diretor de redação da importância da reportagem.

Mas algo de muito estranho aconteceu no universo do jornalismo de lá para cá. Em muitos casos, parece que o próprio editor já está matando a pauta, por diversos motivos previsíveis, especialmente nos jornais impressos.



BH, 6 de setembro de 2017: Os dois chegaram, separadamente, mas com o mesmo entusiasmo, na sala de imprensa. Já com as credenciais de imprensa, consultavam a programação e os locais de cada mesa de debate. Logo me identificaram como coordenador de comunicação do evento e passaram a

AS LIÇÕES DOS **FUTUROS FOCAS** MARCELO E LUANA

me indagar sobre as principais personalidades de destaque em cada mesa e em cada debate do dia.

De imediato, percebi que eles, cada um a seu modo, não queriam perder uma fonte, uma fala, uma possibilidade de entrevista exclusiva.

Marcelo Gomes e Luana Santos esbanjavam brilho nos olhos. Como estudantes de jornalismo, sabiam que estavam em um evento de peso, com uma concentração inédita de boas fontes por metro quadrado.

Ambos estavam cobrindo o 22° Congresso Brasileiro de Economia, que ocorreu em BH entre 6 e 8 de setembro. Marcelo publica textos em um blog, e Luana produz conteúdo jornalístico para uma agência de notícias e eventos. Nenhum dos dois, evidentemente, atua na "grande imprensa". Mas, como assessor do evento, ofereci a eles toda a estrutura de apoio disponível, sabendo que haveria espaço ali para todos – de candidatos a foca aos profissionais mais experientes.

Nos meses que antecederam o encontro, fizemos todo o trabalho de assessoria de imprensa, com o envio de releases, sugestões de pauta e visitas às redações de veículos (jornais, TVs e rádios) com sede em BH, além de convites para a imprensa de outros estados.

O Congresso foi o maior evento de economia do país no ano, reunindo

mais de 100 palestrantes, entre os mais renomados economistas do Brasil e convidados internacionais. Mais de 1,1 mil participantes estiveram presentes nas mais de 30 mesas de debates e sessões especiais da programação.

NOVEMBRO/DEZEMBRO 2017

Pois bem, Marcelo e Luana se esbaldaram... quase se dando ao luxo de escolher as melhores fontes entre as "estrelas" presentes, representantes de diversas linhas do pensamento econômico ede ideologias políticas.

Nos intervalos, eles me procuravam na sala de imprensa para trocar ideias sobre quem entrevistar ou mesmo para pegar sugestões de perguntas específicas para suas fontes. Tiveram acesso aos presidentes das duas entidades promotoras do Congresso: os presidentes do Conselho Regional de Economia de Minas Gerais, Paulo Bretas, e do Conselho Federal de Economia, Júlio Miragaya. Além do governador – e economista – Fernando Pimentel, que participou da cerimônia de abertura.

E não faltaram especialistas, ex-ministros e autoridades de destaque nacional e estadual, como: Luiz Carlos Mendonça de Barros, Márcio Pochmann, Ladislau Dowbor, Antônio Corrêa de Lacerda, João Antônio de Paula, Patrus Ananias, Gilson Reis, Marco Aurélio Crocco, Denise Gentil, Otávio Dulci, Clélio Campolina, Paulo de Almeida Paiva, Luís Paulo Rosenberg, Paulo



Haddad, José Afonso Bicalho Beltrão, Roberto Rodrigues e os jornalistas João Borges e Luis Nassif, entre outros.



BH, 8 de setembro de 2017: Ao final do Congresso, senti que algo de errado acontecia no Reino do Jornalismo Econômico mineiro.

Enquanto os candidatos a foca Marcelo e Luana contabilizavam suas entrevistas exclusivas e coberturas especiais, constatei que uma parcela (expressiva ou não) dos leitores mineiros que, por ventura, se informam apenas pelos jornais impressos com sede em BH e Contagem, não ficaram sequer sabendo que a capital mineira sediou um evento desse porte. E muito menos o que disseram lá os mais de cem palestrantes convidados.

Sim, ao longo dos três dias de evento, nenhum jornalista daqueles veículos passou pelo Minascentro. Nem sequer fez contato para pedir informação. Ao contrário de profissionais de diversas emissoras de rádio e TVde BH e de veículos impressos de outros estados, que fizeram boas coberturas.

Penna (ao centro). Luana e Marcelo (foto pequena) acompanharam tudo

Ao final do encontro, despedi-me do Marcelo e da Luana, que seguiram separadamente pela avenida Augusto de Lima rumo ao futuro. Eles ainda não têm emprego como profissionais. Mas, com certeza, saíram de lá com mais entusiasmo e mais brilho nos olhos do que entraram.



Não tenho dúvidas de que as coberturas que eles fizeram irão enriquecer seus currículos e fortalecer suas musculaturas profissionais para enfrentarem, com competência, o mercado de trabalho... assim como centenas de outros tantos marcelos e luanas que acompanhei nos últimos 30 anos como professor de jornalismo.

Não, não é preciso mais ter tinta na

veia para ser um bom jornalista. A receita é até simples: basta uma boa dose de paixão pela profissão no coração, muita determinação diante dos fatos jornalísticos e vontade real de enfrentar os desafios das coberturas.



JOÃO CARLOS FIRPE PENNA é jornalista, professor de Jornalismo Econômico e idealizador do Curso Livre de Jornalismo do SJPMG.

foto Cláudio Cunha



AGATHA AZEVEDO, TEXTO
ISIS MEDEIROS, FOTO

NOVEMBRO/DEZEMBRO 20

Luz, contraste, maquiagem, figurino, talco e uma boa dose de paixão: estes são os ingredientes do ensaio fotográfico que, em duas edições, contou com a participação de mais de 100 mulheres, representando lutadoras históricas brasileiras e internacionais.

A ideia do projeto é das mulheres do movimento social Levante Popular da Juventude. O trabalho que já circulou o Brasil com exposições e diversas mostras com as fotografias e histórias dessas mulheres incríveis, está agora sendo editado para se tornar livro, com a história de 100 dessas mulheres. A campanha durou 100 dias e contou com financiamento através do Catarse: catarse.me/mulherescabulosasdahistoria.

O projeto nasce em função do golpe de estado e do momento político vivenciado no Brasil. Isis Medeiros, militante do movimento e fotógrafa do projeto, explica que o golpe, que retirou a primeira presidenta do país, está realizando uma grande ofensiva contra os



direitos conquistado pelas mulheres nos últimos anos.

"A crise política e os retrocessos na vida das mulheres se intensificaram com o golpe sofrido pela primeira mulher democraticamente eleita em nosso país. Além de formar um ministério apenas com homens, o atual governo fechou secretarias de políticas para mulheres e é responsável pelo aumento exponencial do desemprego, o que leva as mulheres de volta ao lar e, consequentemente, à dependência em relação aos homens", analisa Isis, do Levante Popular da Juventude.

A história das mulheres cabulosas ganhou força através do rosto e da luta das mulheres jovens guerreiras do século XXI. E, para além da inspiração, representar grandes nomes femininos como Frida Kahlo, Maria Carolina de Jesus, Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela, Negra Zeferina e Maria Bonita é uma grande responsabilidade.

Ana Paula Cândido, militante do Levante, é um dos exemplos de empodera-

mento através do projeto. Ela conta que "interpretar Nina Simone no Mulheres Cabulosas da História foi a experiência mais emocionante, libertadora e ao mesmo tempo encorajadora, foi uma experiência que eu nunca tinha vivido antes e isso me engrandeceu de uma forma que fica difícil até de explicar".

A campanha de arrecadação do livro terminou no dia 25 de novembro. O livro será lançado pela Editora Expressão Popular no início de 2018 e parte da tiragem será doada a bibliotecas, escolas e centros culturais. Para conhecer o projeto, acesse: catarse.me/mulherescabulosasdahistoria.



ISIS MEDEIROS estudou Design de Ambientes na Escola de Design da UEMG e é fotógrafa dos Jornalistas Livres.



ÁGATHA AZEVEDO é jornalista formada pela UFMG, fotógrafa, co-fundadora da rede Jornalistas Livres

BRASIL DE FATO MG COMPLETA 4 ANOS DE SUCESSO

JOANA TAVARES

Com o propósito de tratar as notícias a partir de "uma visão popular do Brasil e do mundo", o projeto nacional do Brasil de Fato foi lançado em janeiro de 2003 e, apesar das adversidades e dificuldades de fazer uma mídia popular, a ideia se ampliou e se espalhou. Em 10 anos, o jornal circulou de forma ininterrupta e chegou a todo o Brasil. Com matérias de fundo e análises sobre os principais problemas da sociedade, ajudou a desconstruir a ditadura do pensamento único que imperava na imprensa comercial. Além da edição regular, foram dezenas de publicações especiais, com tiragens massivas e distribuição gratuita.

Em Minas Gerais, foram feitas edições sobre a falácia do "choque de gestão" de Aécio Neves à frente do governo do estado; sobre o massacre de Felisburgo. que vitimou cinco trabalhadores sem--terra no Vale do Jequitinhonha; sobre a greve dos trabalhadores em educação da rede estadual, que durou 112 dias, e sobre a privataria tucana.

Em maio de 2013, foi lançada a primeira edição específica de Minas Gerais. Em agosto, o jornal já circulava com sua edição de número 1. Agora, ultrapassamos a edição 200, com mais de 10 milhões de jornais distribuídos gratuitamente. Todas as semanas, 40 mil exemplares chegam às mãos de estudantes, sindicalistas, professores, trabalhadoras e trabalhadores de todas as idades, que circulam pelas ruas da capital e outras 60 cidades.

Seguimos investindo em edicões especiais, e já foram muitas: sobre o festival de arte e cultura da reforma agrária, sobre o plebiscito popular pela redução da conta de luz, sobre o acampamento nacional do Levante Popular da Iuventude, sobre o golpe que estava sendo armado no país e outra sobre sua confirmação, além de edição sobre a Previdência e duas sobre o crime da Samarco em Mariana.

CENSURA FINANCEIRA

O Brasil de Fato é uma iniciativa coletiva. A permanência e fortalecimento desse projeto é resultado da articulação de diversas organizações populares que constroem o jornal desde o início. São centenas de apoiadores, que vão desde os parceiros políticos até voluntários anônimos que fazem questão de difundir o jornal. Contamos com um conselho editorial que representa amplos setores da sociedade e dezenas de colaboradores de conteúdo, tanto de texto como de

Neste ano, começamos uma parceria com a CUT Minas, o Sind-UTE e o Sindifisco e participamos do programa "Roda de Conversa", na rádio Favela, todas as segundas-feiras. Desde maio, também começamos um programa próprio na mesma rádio, todos os sábados, com o conteúdo da semana.

Além disso, participamos da construção do projeto do Brasil de Fato nacionalmente, que conta com uma página na internet, abastecida com notícias de todo o país, uma radioagência e jornais estaduais no Rio de Janeiro, Pernambuco e Paraná.

Apesar de uma potente página nacional e uma edição estadual com tiragem de 160 mil exemplares por mês, ainda enfrentamos dificuldades em sermos reconhecidos pelos órgãos públicos como veículos de informação como os outros, que recebem generosas fatias de publicidade. De técnico, o critério parece mesmo ser político. Basta comparar a quantidade de anúncios em veículos de esquerda e nos outros.

A restrição financeira é a censura mais real que nós e outros instrumentos desse tipo enfrentamos. Por ela, não conseguimos – ainda – expandir a tiragem para alcancar todo o estado e todos os bairros da capital. Por isso, frequentemente são necessárias campanhas de doação e também de visibilidade do jornal. Mas faz parte da luta.

JORNALISMO ANTIPOPULAR

Não resta dúvida para ninguém do envolvimento da mídia comercial no golpe em curso no Brasil. Mas o que parece ainda permanecer é um certo grau de ilusão em relação ao papel dos meios de comunicação de massa na consolidação, manutenção, reprodução e fortalecimento de uma estrutura altamente marcada por desigualdades de todo tipo. Parece que apenas agora fica mais nítido o jogo sujo da imprensa, que deixa de



lado suas (pequenas) diferenças editoriais para agir em bloco na construção de discursos-chicletes que se espalham como verdades depois de tanta insistência, meses de matérias iguais e silêncios estrondosos.

Apesar de todo esse partidarismo militante, os meios comerciais ainda contam com alguns trunfos, poderosas cartas na manga, como o mantra sagrado da "liberdade de expressão", o alcance nacional de suas mensagens e o poder de chantagem. Os mitos que o jornalismo ajudou a criar - objetividade, neutralidade, imparcialidade, transparência são usados repetidamente como escudos ideológicos que ultrapassam gerações.

No entanto, o oficio de apurar, narrar e publicar histórias não é patrimônio intocável de alguns poucos patrões a serviço do capital. Em um tempo como o atual, saturado de informações e boatos, em que mal dá tempo de digerir uma notícia e já aparecem centenas de outras em cascata, é de extrema valia retomar

ensinamentos sobre a importância da comunicação popular.

Não se trata apenas de "mostrar o outro lado das coisas". Trata-se de incluir na narrativa as causas dos fenômenos, visibilizar as reais vítimas das situações, buscar apontar saídas e respostas que não repitam o roteiro ditado pelos mesmos interessados de sempre.

Apostar no jornalismo popular significa, por um lado, a apropriação de técnicas que ajudam na disseminação de mensagens, mas, por outro, precisa incluir uma mudança radical na perspectiva mesma da prática; significa abandonar a ilusão de imparcialidade e abraçar o ponto de vista dos trabalhadores e de seus interesses ao pautar e redigir notícias.

Esse é o ponto de vista assumido pelo Brasil de Fato e por outros instrumentos que fazem comunicação popular. É possível fazer jornalismo sem ser machista e racista, sem defender as grandes corporações e estruturas. Mas para isso

é preciso unidade e compromisso com o povo e com as mudanças estruturais necessárias em nosso país.



70ANA TAVARES é editora do Brasil de Fato MG.

A SIRENE: JORNALISMO EM LUTA

RAFAEL DRUMOND

Todos os dias, o trabalho no jornal A Sirene - veículo de comunicação dos atingidos pelo rompimento da Barragem de Fundão de Mariana e Barra Longa – coloca-me o desafio de responder, profissionalmente, a situações limites. Com meus colegas de redação e companheiros de luta, atingidos ou não, enfrento quadros de conflito nos quais o cansaço e o sofrimento se apresentam como marcas indeléveis do desastre de 2015.

Invariavelmente, chego em casa tomado pelo desgaste físico e emocional por acompanhar negociações que não avançam; por testemunhar as estratégias de desmobilização financiadas pelo poder de fogo das mineradoras; por refutar, enojado, o discurso corporativo aplicado ao cotidiano traumático daqueles que vivem, há quase dois anos, uma rotina atravessada pela lama.

Não à toa, a coordenação do jornal vem se revelando o maior desafio da minha vida profissional. É um trabalho dificil, que exige, para a produção do impresso, a consideração de dois perfis de leitores: um público externo, que desconhece o dia a dia da tragédia, e para o qual desejamos levar importantes informações de contexto; e nosso público preferencial, os atingidos de Mariana e de Barra Longa, pessoas que vivem e sentem o sofrimento diário provocado pelo rompimento – pessoas para as quais o jornal funciona como espaço de memória, de representação e de reconhecimento.

Na condição de jornalista responsável pelo veículo, atesto a veracidade das informações e dos fatos relatados na publicação. Estamos, sim, editorializados pela perspectiva das vítimas – o que, para alguns, é razão de estranhamento e desconfiança, vide práticas jornalísticas que camuflam, deliberadamente, seus interesses editoriais. No sentido contrário, A Sirene assume a voz de quem sofreu e sofre com o crime.

Como veículo, o jornal responde pela cobertura continuada da tragédia – aquele maçante dia a dia que, gradualmente, vai assumindo o lugar da excepcionalidade do acontecimento inicial. Como gesto político e epistemológico, a publicação viabiliza o direito à comunicação de comunidades atingidas pela lama.

Além da mobilização e do trabalho colaborativo, A Sirene funda-se no compromisso da escuta. Um dia de campo e uma dezena de copos de café. Relações movidas pelo desejo de ouvir, não necessariamente com o in-





NOVEMBRO/DEZEMBRO 2017

tuito de publicar. Partilhas de um bocado de dores e de um punhado de alegrias – no fim do dia, de um tanto de humanidade. Um movimento feito de falas, silêncios e cumplicidades, a partir do qual a comunicação põe para circular aquilo que a gente sente e nem sabe o nome. Talvez seja empatia, a palavra.

Acho que esse é o diferencial de se produzir um jornal tematizado pelo contexto das vítimas: o vínculo intersubjetivo que evidencia um engajamento social. A Sirene é uma porta à realidade de diferentes atingidos, uma entrada que dá acesso às vidas fragilizadas por um desastre criminoso que deve ser refletido por toda a sociedade.

Deixo aqui o convite a uma leitura tão dificil quanto necessária.



RAFAEL DRUMOND é graduado em Jornalismo e mestre em Comunicação Social pela Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Foi professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Atualmente, coordena A Sirene, jornal financiado com recursos dos atingidos administrados pela Arquidiocese de Mariana e pelo Ministério Público, tiragem mensal de 2.000 exemplares, distribuídos gratuitamente em Mariana e Barra Longa. Contato: jornalasirene@gmail.com, Facebook: @JornalSirene, https://jornalasirene.wordpress.com/.

BREVÍSSIMA ANTOLOGIA DE JORNALISTAS-POETAS:

SEGUNDA DENTIÇÃO

CARLOS BARROSO

Poesia que vem.

A "Brevíssima Antologia de Jornalistas-Poetas", ainda engatinhando – mas com despudorado desejo de crescer com embocadura de uma antologia de verdade – chega à PAUTA com sua segunda dentição.

Foram 14 nomes na primeira leva, agora são outros 9 jornalistas-poetas. A maioria apresentando poemas curtos – em busca do tempo da concisão, que também é marca registrada e procura de sempre do jornalismo.

São esses os poetas da segunda dentição da "Brevíssima Antologia de Jornalistas-Poetas": André Carvalho, Carlos Alenquer, Dinorah do Carmo, Esdras Paiva, Jorge Fernando dos Santos, José Aloise Bahia, José Maria Rabêlo, Luciana Tonelli, Márcio Metzker, Marcus Mendra, Nísio Teixeira e Rogério Zola.

DE BREVÍSSIMA À ANTOLOGIA

A partir – e desde – as três mostras de Arte dos Jornalistas Mineiros (1985, 2010 e 2013) pôde-se constatar, sem resquícios de corporativismo, que os profissionais de imprensa desenvolvem uma arte contemporânea e de qualidade. Renovada em vários aspectos. E em variados setores artísticos.

A ideia colocada no número anterior da PAUTA é correr atrás de brechas em leis de incentivo cultural – mesmo com as dificuldades colocadas pelo filme de horror político em cartaz, estrelado por um governo que se coloca contra a arte, cultura e educação (lado a lado à sua linha antipopular) – para editar uma antologia propriamente dita.

Em que cada jornalista possa ter algumas páginas para mostrar o seu trabalho poético. As condições de apresentar um resumo de sua arte.



Aproveito esse espaço para reforçar a fala que fiz durante o encerramento da III Mostra de Arte dos Jornalistas Mineiros – da qual fui curador, atuando ao lado das jornalistas Hélia Ventura e Vera Godoi, que pegaram para valer o trabalho de organização. A proposta é a organização de um "Memorial do Jornalista Mineiro", um espaço para mostrar e fortalecer os grandes momentos do jornalismo em Minas e as lutas ainda hoje travadas contra governos de exceção e demais inimigos de causas populares.

Em arquivos digitais e jornais, o Memorial teria "furos" e o relato jornalístico de fatos históricos que envolveram a categoria. Exemplos:

- O dia em que Roberto Drumond comprou um casal de escravos no Norte de Minas e o trouxe para Belo Horizonte para denunciar em matérias jornalísticas que ainda existia escravidão no Estado.
- O dia em que Mauro Santayana se internou em um manicômio, onde foi submetido até a eletrochoques — "quase fiquei definitivamente por lá", me disse
- ele para mostrar o campo de concentração que eram (e, de certo modo, ainda são) os hospitais psiquiátricos.
- O dia em que o CCC (Comando de Caça aos Comunistas) despejou bombas na Casa do Jornalista uma reação da extrema-direita à atuação democrática e antiditadura desenvolvida pelo Sindicato dos Jornalistas de Minas.



PAISAGEM-TEMPO
LUCIANA TONELLI

da janela da casa ao som da chuva surge uma paisagem sem data

paisagem sem pressa sem compromissos sem disputas a travar sem contendas

pacífica e silenciosa

horizonte cheio de nuvens enche-nos de espera boa

é possível ouvir o vento e pássaros

é possível colher os grãos da cena como às vezes cinema



ESDRAS PAIVA

não digo sim porque não sei não digo não porque talvez



PoÉTICAJORGE FERNANDO DOS SANTOS

A poética critica A estética da crítica A crítica sem ética Reduz a poética A pó



CARLOS BARROSO é é poeta e jornalista formado pela UFMG em 1979. Trabalhou em emissoras de televisão e jornais. Atualmente apresenta o programa semanal Cena Política, no canal BH News TV.



COHEN E A MUSA Kiko Ferreira

onde anda minha musa que o tempo sem ponteiros não acusa? onde o corpo que, quando quer, minha alma usa? nas dobras da lua, entre frisos de encolher paixão. "there ain't no cure for love"

só tempo para gastar entre verões



Infiltrado Márcio Metzker

Por esta fresta te espreito.
Por esta fenda te desvendo.
Por esta greta te sondo.
Por esta nesga me chegas.
Por este sonho me entranho.
Por tua grenha me embrenho.
Pelo teu prêmio me espremo.
Com obra-prima me exprimo.
A tua pele me impele.
No teu embalo me instalo.
Por tua rosa, meu cravo.
Por teu afago me escravo



Roxa Lembrança Dinorah Carmo

A saudade é uma lente
Que o tempo passado amplia...
É o sino de nossa mente
É voz que não silencia!
É sândalo de nossa alma
É da memória uma palma
É Desirée, Celius Aulicus, Haydée
Ressurgindo
E o coração colorindo
Num roxo de viva cor!
É imagem, cinzel, palheta...
Em três abraços de amor!



PISCINA

Rogério Zola Santiago

Espelho d'água, mulher-poeta do Sion (Maria Lúcia Simões) ondula amores silenciados. Azul em pejos resgata a oração embevecida. Ondula a água sob a regata pranteada, Somos 60 anos — ainda sonhamos na têmpera d'água Dos quintais protegidos. Sem amarras, singrar além do muro.



Poema só José Aloise Bahia

Sem corpos aliviam segredos



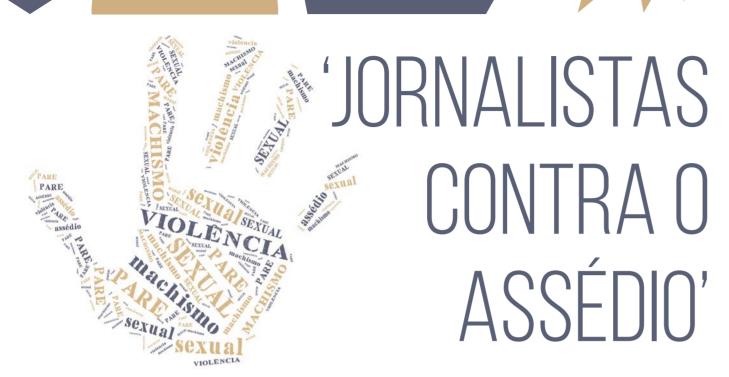
Dolabelismo: Nísio Teixeira

Pra tudo na vida, teoria Pra cada uma delas, aforismo



Poe espreso Sílvio Ribas

Poe se expressa em prosa e verso. Poema expresso de frente e verso. Poe espreso. Chique na xícara. Põe quente que dói o dente. Devagar, Edgar. Alan seja louvado. Poemize a chuva.



CAMPANHAS, PESQUISAS, AGÊNCIAS ESPECIALIZADAS, PALESTRAS E GRUPOS EM REDES SOCIAIS TÊM MOSTRADO QUE AS JORNALISTAS NÃO ACEITAM MAIS O MACHISMO DENTRO E FORA DAS REDAÇÕES

JOANA SUAREZ

alinhamento de mulheres contra o machismo diário em todos os níveis tem crescido de forma decisiva nos últimos anos e não seria diferente no jornalismo. O empoderamento feminino ganhou as redes, as ruas e as redações. Repórteres, editoras, redatoras, apresen tadoras, coordenadoras, produtoras e assessoras, que tornam públicas notícias de assédio e violência contra a mulher no país, olham para o lado, para as fontes, para o próprio ambiente de trabalho, e percebem a necessidade de combater atitudes machistas não só nas reportagens que assinam. As jornalistas estão se posicionando contra os assédios no exercício da profissão, tratados por

muitos anos com naturalidade.

No ano passado, tivemos o caso da repórter do portal IG que após ser chamada de "gostosinha" em entrevista com o cantor Biel, se manifestou contra o assédio do artista, foi demitida e recebeu apoio de muitas mulheres nas redes sociais. Casos de banalização do assédio como esse, infelizmente, já aconteceram aos montes, a ponto de um apresentador da TV Record dizer descaradamente, ao vivo, que sonhou a noite toda com a repórter que tinha acabado de relatar uma notícia. Foi em 2014: o jornalista Tino Júnior falou que queria descobrir os segredos da repórter, que sabia que o namorado dela estava viajando e que iria voltar com outra mulher, e ainda a chamou de "nenenzinho".

Neste ano, uma prova de que ainda há uma longa caminhada para mudar essa realidade foi a crônica de um

jornalista do Correio Braziliense sobre a estagiária "gostosa" do jornal. O texto, extremamente machista, trata, sem constrangimento algum, de um tipo de assédio coletivo da turma masculina que já ocorreu em praticamente todas as redações. Se o artigo fosse lido há uns anos soaria como "normal", em meio à cultura patriarcal, mas, hoje, foi lido como ofensivo, como de fato é, sendo até criminoso, e repugnante.

Muitas mulheres, no entanto, ainda têm vergonha de falar, não abrem os casos sofridos e muitas vezes nem sabem que estão sendo assediadas, por estarem inseridas no contexto machista no qual o homem pode tudo – tocar, falar, fazer o que quiser. Outras não conseguem reagir de imediato, por exemplo, a um assédio em uma entrevista no meio de outras pessoas, congelam e vão guardando aquele sentimento por muito

É CAMINHO SEM VOLTA

tempo, sem se dar conta. Ainda é preciso discutir muito o assunto, dialogar entre mulheres, compartilhar experiências para, inclusive, ensaiar respostas à altura dos assédios.

O 12º Congresso da Abraji - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, em junho deste ano, contou com uma palestra sobre Gênero no Jornalismo e o lançamento da pesquisa Mulheres na Mídia, de âmbito nacional. Após apresentação dos dados da pesquisa, a jornalista Alana Rizzo, da revista Época, lembrou de um caso em que um governador falou para uma repórter, em coletiva de imprensa, "que ela estava sumida, estava ficando muito na cozinha, e que se fosse mulher dele estaria na cama", e ela, mesmo sendo militante da causa feminista, ficou sem reação. Alana usou isso na ocasião para frisar que é em oportunidades de debates, como num congresso de jornalismo, que isso pode mudar.

Não são poucos os desafios que jornalistas brasileiras enfrentam por serem mulheres no exercício da profissão. Quando param para pensar



rapidamente, logo vêm à cabeça exemplos do dia-a-dia feminino. Jornalistas de Minas Gerais citaram fontes que não passam informações a repórteres mulheres porque "confiam" mais em homens. No meio político, majoritariamente masculino, há o assédio dos parlamentares e assessores, que cumprimentam jornalistas mulheres de forma diferente, fazem piadinhas de duplo sentido, insinuando que elas são menos espertas que colegas homens.

Dentro das próprias redações, o

machismo se revela em atitudes como quando um editor acredita que certas pautas e detalhes são mais fáceis de conseguir com o "jeitinho feminino" - leia-se "charme". E as reportagens investigativas, consideradas perigosas, são os homens que devem fazer, "por motivos de segurança". Em editorias ditas masculinas, como Veículos e Esportes, muitas vezes é necessário provar para os próprios colegas que você pode estar ali, que sabe o que está falando e fazendo.

A estagiária

Primeiro dia de trabalho. Melissa, estudante de comunicação social de uma faculdade particular de Brasília, logo mostrou a que veio. Decotinho perverso, coxas de fora, pezinhos doceente acomodados em sandalinhas rasteiras. Como se estivesse em uma passarela, a mocinha de 19 anos — re-cém-feitos — desfilou pela redação, a balançar os quadris, para lá e para cá, para cá e para lá. Escondia o nervosis-

mo com o andar tão leve e brilhante

onde trabalharia nos próximos três me-

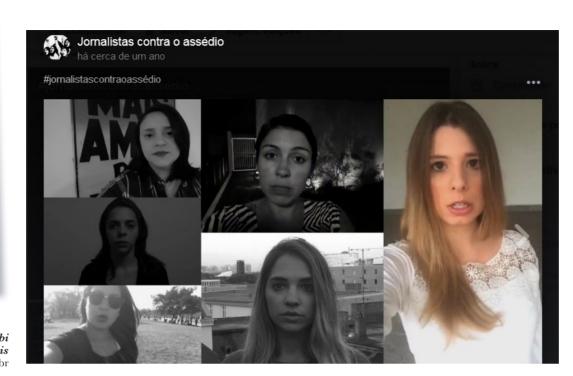
quanto pluma e paetê. Melissa se apresentou à coordena-ção de pauta da editoria de *Cidades* no nício da tarde, horário de repórter na rua. Mas os poucos representantes da fauna masculina não decepcionaram o restante da matilha. Viraram o pescoço em direção à loura-violão e acompanharam, atentos, ao primeiro boa-tarde cantado da mais nova estagiária da agora Melissinha tinha lugar assegura-do nos céus de Júpiter, Urano, Netuno, empresa. Alguns nem disfarçaram. Sus-piraram quando a mocinha ligou o no e que deus mais se apresenta computador e se acomodou no lugar

E uma semana para alcançar status singular no ambiente jornalístico. Era amada por eles, mas recebia olhares não tão amigáveis delas. Apesar da juventude, revelava-se segura e independente. Jamais dava ponto sem checar o nó do marinheiro. Sabia o que fazia, Se dependesse da machalhada, a

se. Era um tal de chocolatinho para cá,

cafezinho para lá, que, deve-se admitir,

*O vídeo da palestra está disponível no canal da ECWO Universidade Anhembi Morumbi no Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=v5GCNuAQB-U. Mais informações no site congressoabraji.blogspot.com.br



ESTUDO INDICA DISCRIMINAÇÃO EM TODOS OS PROCESSOS

pesquisa Mulheres na Mídia, realizada pela Abraji, em parceria com a Gênero e Número (agência independente de jornalismo de dados), teve por objetivo traçar o perfil das jornalistas; mapear os tipos de assédio e violência sexistas mais comuns; saber como elas respondem a isso, que canais existem, ou não existem, para ajudar; e entender como a diversidade de gênero modifica a qualidade das coberturas. Com esse diagnóstico, a ideia é estabelecer diretrizes para lidar e minimizar os efeitos do sexismo nas redações brasileiras. onde muitas mulheres também ainda reproduzem padrões machistas.

A doutora em sociologia Verônica Tostes apresentou os primeiros resultados dos grupos focais na palestra da Abraji em junho*. O assédio sexual foi o tema dominante, e vai desde episódios únicos até o assédio contínuo e crescente. Os autores dos ataques são chefes, colegas, fontes e leitores. Há também o tipo coletivo, de uma turma de homens com a jornalista mulher, em que a reação e a denúncia são ainda mais difíceis.

"Teve relatos de fotos da colega que foram divulgadas entre eles, de chefe oferecendo a estagiária para o jornalista", contou Verônica, quase três meses antes da criticada crônica do Correio Braziliense, que trata a chegada da estagiária gostosa na redação como um tipo de brincadeira, aceitável.

Para a primeira fase do estudo, foram analisados grupos focais no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Brasília. Em seguida, um questionário foi aberto para que mulheres de todo o país pudessem responder. Os pontos tratados foram: "O que as jornalistas percebem de atitude machista no trabalho, como avaliam as oportunidades e chances na empresa e o produto final (as reportagens publicadas), a cobertura é enviesada?".

A socióloga observou ainda que a jornalista, ao zelar pela segurança pessoal, se afastando de fontes, evitando certas pautas e lidando individualmente com a questão, acaba sendo punida no desempenho da profissão, assim como ocorre quando as mulheres deixam de engravidar para não serem vistas como "menos profissionais".

A pesquisa apontou diversas falas de discriminação nos processos de contratação, demissão, distribuição de pautas, promoção de salário (ainda há a noção de que o salário da mulher é complementar ao da família).

No geral, há uma desqualificação da mulher com bases em estereótipos: a mulher é representada como frágil,

sensível e é chamada de histérica quando fala mais alto em uma discussão, enquanto, a avaliação do homem que é explosivo é de que seu comportamento demonstra capacidade de liderança.

Contradição e sexismo foram vistos também na abordagem da vestimenta. A jornalista mulher é orientada a evitar roupas para não distrair os homens e passar ar de seriedade – a se masculinizar. Ou deve usar a roupa para conseguir determinada informação, com decotes e saia.

"O controle do corpo feminino é constante, seja restringido à sua liberdade, seja instrumentalizando esse corpo para fins profissionais", explicou Verônica na palestra, destacando em seguida um exemplo de fala de um editor para uma jornalista: "Olha,você não vai poder usar sapato aberto porque as pessoas vão reparar nos seus pés". "Isso é quase talibânico", frisou a socióloga na palestra.



Nessa matéria, a palavra assédio foi repetida 15 vezes porque ela está no cotidiano das mulheres muito mais do que isso e precisa ser dita. É preciso darmos o nome certo das atitudes, sem sinônimos que relativizam – como cantada e paquera – para que o conceito e sua gravidade fiquem cravados nas mentes de todos, homens e mulheres.

MUDANCA

Se, em 1950, as mulheres eram em torno de 6% das jornalistas em redações, hoje são 64%, mas ainda não ocupam a maioria de funções de chefia nem recebem salários iguais, conforme dados mais recentes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), levantados e apresentados no Congresso da Abraji.

JUNTAS

Uma página no Facebook, Jornalistas contra o Assédio, criada há pouco mais de um ano, já tem mais de 22 mil curtidas. Os casos citados nesse texto, outros absurdos

na profissão e mais depoimentos de profissionais cansadas das "cantadas inofensivas" podem ser vistos na página, além de uma campanha recente com a hashtag #JuntasContraoMachismo, em que jornalistas homens também participam. "Sou jornalista, sou mulher e exijo respeito. Não vamos tolerar o assédio nem dentro e nem fora do nosso ambiente de trabalho", dizem elas no vídeo. Junte-se à luta, não se cale!



JOANA SUAREZ é repórter do jornal O Tempo. Foi assessora de Comunicação, produtora na Rede Minas e repórter da rádio BandNews.

O QUE DIZEM AS JORNALISTAS MINEIRAS:

"A desvalorização do trabalho de uma mulher em comparação com o de um homem é muito contrastante. Pode ser o mesmo trabalho, mas as orientações e o tom com os quais as recebo, são sempre bem diferentes do que é passado para o meu colega, geralmente, em tom de amizade. Além disso, quando assumo uma função de chefia, eu não tenho a mesma credibilidade com meus subordinados. Já chegou a ponto de eu passar uma tarefa para um estagiário e ele perguntar diretamente ao meu chefe se era para fazer isso. Quando sou a única mulher na minha editoria, também percebo que as pessoas sempre procuram por um homem para passar alguma demanda ou perguntar qualquer coisa. Além disso, quando estávamos em uma conversa informal e eu contava algo sobre o qual eu vivi e sobre o qual eu sabia com propriedade, já tive que ouvir de um chefe que eu precisava provar o que estava falando." — BIANCA***, 30, REPÓRTER



"Na redação e na rua, como em qualquer ambiente onde há homens, muitas vezes você tem que lidar com olhares, cantadas, se preocupar com a roupa que está vestindo, ouvir gracinhas, até ser tocada de forma incômoda... tudo que eles acham que é normal e não entendem que se trata de assédio. Colegas que não te respeitam como jornalista ou são machistas com outras mulheres na sua frente. Já teve casos de entrevistados que queriam marcar uma cerveja depois para "conversar melhor" sobre a pauta, te dar informações. Hoje, com o Whatsapp, que nós acabamos usando para agilizar uma pauta, tem fonte que começa a falar com intimidade depois do contato profissional e precisamos cortá-lo, bloqueá-lo..." KÁTIA**, 31, REPÓRTER



"É real, é recorrente, é abusivo, é gritante. Mas a maioria não quer ouvir, pelo contrário, quer silenciar. Assédio? Que assédio? Deve ser coisa da sua cabeça, repetem, o tempo todo. Mas, não. É real. Seja na rua, seja dentro das próprias redações. A pauta que te negam, o comentário constrangedor, a piadinha sem graça. Os olhares indiscretos, o menosprezo profissional. Acontece dia após dia, todo dia. 'Então, o presidente do órgão X não ia dar entrevista, mas te viu aqui e resolveu falar com você. Ele disse que você fica muito bem nessa roupa', me disse certa vez um assessor. 'Você devia era achar bom', dizem alguns. Não, não devia. Nós, mulheres, somos o tempo todo diminuídas como jornalistas, simplesmente por sermos mulheres. Nosso trabalho fica em segundo plano. Falta respeito, falta seriedade, falta muita coisa. O machismo está tão arraigado, que muitos nem percebem, ou se negam a enxergar. Mas é real, é recorrente, é abusivo, é gritante. E precisa parar." MELINA**, 28, REPÓRTER



"Tem fonte que dá em cima ou que acha que voce é burrinha porque é mulher, que só respeita se estamos com fotógrafo (homem, no caso). Teve um entrevistado, um senhor de 85 anos, que me perguntou insistentemente se eu tinha namorado e fez uma brincadeira na hora de despedir: fez que ia me dar um beijo e eu fiquei assustada e virei a cara e ele segurou meu rosto com as duas mãos. Outra vez teve um repórter, que veio até mim, achei que ele ia perguntar alguma coisa sobre a cerimônia que estávamos cobrindo e ele falou: 'Nossa, você é jornalista? Tão nova. Você é muito bonita, sabia? Uma princesa'." DANUBIA**, 23

PESQUISA DA FIJ REVELA ASSÉDIO E IMPUNIDADE EM 50 PAÍSES

A violência de gênero no jornalismo é generalizada e não existem medidas para combatê-la ou estas são inadequadas. A conclusão é da Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), com base em pesquisa sobre o tema. Das quase 400 mulheres jornalistas de 50 países que participaram da pesquisa, metade já sofreu assédio sexual, abuso psicológico, assédio online e outras formas de violência de gênero enquanto trabalhava. Os assediadores ficaram impunes em 85% dos casos.

Publicada na véspera do Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra a Mulher das Nações Unidas, em novembro, a pesquisa revelou que 45% dos infratores eram fontes, políticos, leitores ou ouvintes e 38% eram chefes ou superiores. Só 26% dos locais de trabalho têm uma política contra violência de gênero e assédio sexual.

"Precisamos de ações urgentes para ajuizar os infratores e fazer com que as mulheres jornalistas se sintam confiantes o suficiente para denunciarem esses abusos", afirmou a co-presidenta do Comitê de Gênero da FIJ, Mindy Ran. O secretário-geral Anthony Bellanger disse que, para a entidade, abordar a violência e o abuso sofridos pelas jornalistas em todas as partes do mundo é uma prioridade.

A FIJ defende que sejam feitos urgentemente acordos coletivos no local de trabalho e que se criem procedimentos sólidos de denúncia e punições a infratores. A entidade também apoia a formalização de um convênio da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre a violência de gênero no mundo do trabalho.

48% DAS ENTREVISTADAS SOFRERAM VIOLÊNCIA DE GÊNERO RELACIONADA AO SEU TRABALHO

44% DAS ENTREVISTADAS SOFRERAM ASSÉDIO ONLINE

AS FORMAS MAIS COMUNS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO SOFRIDAS PELOS JORNALISTAS SÃO ABUSO VERBAL **(63%)**, ABUSO PSICOLÓGICO **(41%)**, ASSÉDIO SEXUAL **(37%)** E EXPLORAÇÃO ECONÔMICA **(21%)**

QUASE 11% SOFRERAM VIOLÊNCIA FÍSICA

45% dos infratores eram pessoas de fora do local de trabalho (fontes, políticos, leitores ou ouvintes): 38% eram chefes ou superiores

39% DOS ATACANTES ERAM ANÔNIMOS

66, 15% DAS ENTREVISTADAS NÃO APRESENTARAM DENÚNCIA FORMAL

84,8% DAS DENUNCIANTES CONSIDERAM QUE NÃO FORAM TOMADAS MEDIDAS ADEQUADAS CONTRA OS INFRATORES; **12,3%** FICARAM SATISFEITAS COM O RESULTADO FINAL

26% DOS LOCAIS DE TRABALHO TÊM POLÍTICA QUE ABRANGE VIOLÊNCIA DE GÊNERO E ASSÉDIO SEXUAL

^{**}Nomes fictícios, porque infelizmente é preciso preservar as jornalistas de retaliações machistas.



No Dia do Jornalista, 7 de abril, jornalistas da TV Globo de São Paulo se manifestaram contra o assédio, vestindo camisetas com os dizeres: "Mexeu com uma mexeu com todas #chegadeassédio". O estopim do protesto foi o caso envolvendo o ator José Mayer e a figurinista Susllem Tonani, que mobilizou inicialmente atrizes da emissora. A manifestação contou com adesão de profissionais de diversos veículos das organizações Globo, que produziram fotos e divulgaram um vídeo.

PESQUISA MOSTRA MACHISMO NO JORNALISMO BRASILEIRO

Os resultados da pesquisa Mulheres na Mídia divulgados pela Gênero e Número e pela Abraji na primeira semana de dezembro mostram que atitudes sexistas fazem parte do cotidiano da redações brasileiras e vão desde a distribuição de pautas com base em estereótipos de gênero até assédio sexual de colegas e superiores. As empresas jornalísticas são coniventes, pois não dão resposta adequada a estes problemas.

Os questionários online foram

respondidos por 531 profissionais, das quais 477 foram consideradas aptas para a pesquisa. De acordo com as respostas, 86,4% das jornalistas já passaram por pelo menos uma situação de discriminação de gênero e 70,2% já presenciaram ou tomaram conhecimento de uma colega sendo assediada no ambiente de trabalho, mas só 15,1% fizeram denúncia à empresa. Apenas 30% das empresas possuem canais para receber e responder a denúncias de assédio e discriminação de gênero.

No exercício do trabalho, 83,6% relataram já ter sofrido alguma situação de violência psicológica relacionada ao fato de serem mulheres e 70.4% já foram alvo de abordagens de homens que as deixaram desconfortáveis. Entre as situações citadas estão insultos presenciais ou pela internet, humilhação em público, abuso de poder ou autoridade, intimidação verbal, escrita ou física e ameaças pela internet - vindo de superiores, colegas, fontes e do

A PESQUISA ESTÁ DISPONÍVEL NESTE LINK: HTTP://GNJB-SPA.SURGE.SH/

DISCURSO ÚNICO E DOS DOMINANTES

MARIÂNGELA CASTRO

m minha experiência de 28 anos de jornalismo duas aprendizagens foram fundamentais para o discernimento sobre o caminho na profissão. A primeira: ouvir, analisar e entender as entrelinhas dos discursos daqueles que conhecemos como autoridades, as fontes ditas com melhor credibilidade para as notícias. A prática natural foi tratar matéria polêmica com espaço para ouvir as vozes concordantes e divergentes, para a pluralidade de opiniões.

A segunda: adeus à ilusão de que nós, jornalistas, somos profissionais diferenciados, mesmo que convivamos na intimidade com os gestores da mídia. Somos parte da classe trabalhadora, assalariados, explorados e sujeitos às relações e legislação trabalhistas. Vulneráveis, inclusive, às demissões.

Aqui opino com esse discernimento e justifico com um fato que desencadeou em discursos de horrores. Na segunda quinzena de outubro, cobri o Seminário Impactos da Reforma Legislativa no Grupo Cemig, promovido pela estatal, em BH. Embora a expressão usada fosse Reforma Legislativa, tratou-se da Reforma Trabalhista, que entra em vigor dia 11 de novembro, com perspectivas extremamente ruins para os trabalhadores.

Tal qual as empresas de jornalismo de hoje, sacrificaram a pluralidade de ideias, a escuta do outro lado e o debate reflexivo dos prós e dos contras. Foi um "festival" de defesas do mercado e da economia. Pior. O caminho das argumentações de dois palestrantes resvalou para ofensas contra as lideranças de entidades sindicais e de classe críticas à Reforma Trabalhista.

Incrível, a defesa da Reforma, em uma mesa sem uma única voz contrária ao fim da CLT, foi feita por gente que estuda, ensina e toma decisões sobre o Direito do Trabalho e o destino de milhares de trabalhadores! Um desembargador do TRT 3ª Região e um professor de Direito do Trabalho da UFMG, profissionais que, a priori, são esclarecidos sobre a realidade dos trabalhadores brasileiros e sabem que, sem a necessária proteção trabalhista, o mundo do trabalho vai se tornar uma barbárie.

A plateia foi uma maioria de empregados da Cemig e vários sindicalistas. Mas não se intimidaram. O desembargador referiu-se às organizações sindicais e de classe como velhas e arcaicas estruturas. Segundo ele, é uma "inverdade" que a Reforma retira direitos e seja inconstitucional. O juiz comemorou: "Agora não vai ter isso de Súmulas do TST, a Reforma impede brechas para a Justiça do Trabalho ampliar direitos".

Já o professor da UFMG destacou

que a Reforma é a modernização da legislação trabalhista e torna a economia mais competitiva. Ele considerou que um dos maiores avanços foi o fim da contribuição sindical e dos sindicatos únicos, "porque as entidades vão ter que mostrar serviço, muitos vão quebrar; que morram!".

Por aí se vê que estamos de volta às trevas, em um mundo de narrativas que defendem quem não precisa de defesa e execram os que mais necessitam de proteção da lei e dos sindicatos.



MARIÂNGELA CASTRO é jornalista do Sindieletro MG. Foi diretora regional do Vale do Aço do Sindicato, repórter do Diário do Aço e do Diário do Rio Doce. É pós-graduada em Novas Tecnologias da Comunicação pelo UniBH.

'LUTA,

JORNALISTA!'

SINDICATO TEM NOVA DIRETORIA

omou posse no dia 23 de junho a diretoria que comandará o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais no triênio 2017-2020. A cerimônia, marcada pela informalidade e quebra de protocolos, reuniu mais de 500 jornalistas e convidados em ambiente de confraternização e incluiu a entrega do 10º Prêmio Délio Rocha de Jornalismo de Interesse Público.

"Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de Humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar."

Citando estes versos do dramaturgo alemão Bertolt Brecht e deixando de lado seu discurso para falar de improviso, a nova presidenta do Sindicato, Alessandra Mello, exortou os jornalistas a superar o medo e se unirem para enfrentar a crise pela qual passam o Brasil e o Jornalismo. Alessandra sucede Kerison Lopes, que presidiu o Sindicato entre 2014 e 2017.

A nova presidenta disse que todos os brasileiros hoje estão com medo e no coração dos jornalistas ele é ainda maior, provocado pela deterioração nos ambientes de trabalho. "Começou com as mudanças das novas mídias, aumentou com a crise econômica, contaminada pela crise política, e o Jornalismo desandou", analisou.

Os patrões pressionam por perda de direitos, denunciou a presidenta. "Só há uma maneira de combater isto: juntar forças. Só a luta conquista direitos", enfatizou. "Não podemos desanimar. As mulheres não podem aceitar o machismo e o assédio nas redações. O jornalismo hoje é majoritariamente feminino, mas as mulheres não estão nos cargos de chefia", denunciou.

JORNALISMO PLURAL

A mesa da cerimônia foi formada por representantes de movimentos sociais: Geanini Hackbardt, do MST; Késsia Teixeira, da União Colegial de Minas Gerais; Carmélia Viana, da União Brasileira de Mulheres; Clarice Barreto, do Sinpro, e Carlos Magno, da Associação Brasileira LGBT.

Alessandra lembrou a participação dos movimentos sociais na ocupação da antiga sede do jornal Hoje em Dia por jornalistas e movimentos sociais, no dia 1º de junho. O ato chamou a atenção da sociedade para a situação



A nova diretoria do Sindicato é formada por: Alessandra Cezar Mello; Daniel Camargos; Alessandra Mendes França; Vilma Tomaz: Priscila Maria Piotto de Melo Pádua; José Augusto Toscano Boaventura; Camila Riani; Landercy Hemerson Aparecido da Silva; Artênius Daniel; Tiago Haddad; Felipe Castanheira; Felipe Canhedo; Isabella Souto; José Antônio Bicalho; Adriano Boaventura; Wanderley Pinto de Lima; João Renato Diniz Pinto; Luciano Tadeu Soares; Solange Maria Siqueira de Barros; Eduardo Motta; Brenda Marques: Andrea Castello Branco: Zuzileison Oliveira Moreira; Rogério Hilário; Joana Tavares; Lina Patrícia Rocha Laredo.



dos trabalhadores demitidos pela empresa em 2016 e resultou numa proposta dos antigos proprietários do jornal para pagamento de parte da dívida trabalhista.

"A mesa também quebrou protocolos. Não quisemos chamar políticos e autoridades. Não temos nada contra políticos, mas queríamos mostrar que o Jornalismo tem que ser plural", explicou a nova presidenta. "Esta mesa é a nossa cara."

Alessandra defendeu um Jornalismo

que expresse a diversidade. "O Jornalismo é um pilar da democracia. Não podemos deixar que o Estado brasileiro seja tomado pelo poder econômico e político", disse.

Ela agradeceu aos companheiros da gestão que terminou, da qual foi vice-presidenta, e reafirmou o compromisso de manter a sede do Sindicato aberta para a sociedade. "Na Casa do Jornalista já aconteceu de tudo, de curso de turbante à fundação de partido", lembrou. E fez um chamamento à categoria para fortalecer o Sindicato, filiando-se e participando. "Só juntos vamos conseguir vencer. Luta, Jornalista!", finalizou, citando o nome da chapa aprovada por 97,5% da categoria na eleição.

DOIS BRASIS

"Há diretorias que marcam momentos de mudança na história do Sindicato. "A gestão Dídimo Paiva [1975-1978] foi uma delas. Essa eu acho que vai ser outra", comentou o ex-presidente do Sindicato Tilden Santiago, ao final da posse.

Outros ex-presidentes estiveram presentes à festa: Manoel Marcos Guimarães, Aloísio Morais Martins.



Dinorah Maria do Carmo, Aloísio Soares Lopes e Eneida Ferreira Costa, além de Kerison Lopes. Entre as autoridades, compareceram a deputada federal Jô Moraes, o secretário estadual de Direitos Humanos, Nilmário Miranda, e o secretário municipal de Comunicação, Chico Maia.

Kerison Lopes iniciou a quebra de protocolos que marcou a solenidade. Disse que não leria o discurso que tinha preparado e iria falar de improviso. "Quando entrei aqui e vi os rostos de cada um de vocês, com quem convivi nestes três anos, e a bandeira do Sindicato, que simbolizou a ocupação do Hoje em Dia, decidi falar de cor, de coração", explicou.

Agradecendo a todos que colaboraram com sua gestão, diretores e funcionários do Sindicato, Kerison disse que encerrava um ciclo na sua vida e citou o escritor Guimarães Rosa: "O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia". "Outras lutas virão", acrescentou.

Contou que, ao reler o discurso de



sua posse, constatou as profundas mudanças ocorridas no País em três anos. "Tenho a sensação de que comecei a gestão num Brasil e terminei em outro. Vivemos tempos muito difíceis", disse. "Nestes três anos o Sindicato cumpriu seu dever de lutar em defesa da democracia e da liberdade, como sempre fez, desde que foi fundado há 72 anos."

Kerison lembrou também dois momentos de luta sindical fundamentais durante sua gestão: a greve no jornal Estado de Minas e na TV Alterosa e a ocupação da antiga sede do jornal Hoje em Dia. Ele ressaltou que os últimos anos marcaram uma mudança radical na categoria, que passou a se ver como parte da classe trabalhadora. "O Brasil, como diz Mino Carta, é o único País em que os jornalistas chamam o patrão de colega, mas isto está mudando. A duras penas os jornalistas aprenderam a lição."



RECONHECIMENTO

AO JORNALISMO DE INTERESSE PÚBLICO

A cerimônia de posse da nova diretoria do Sindicato foi seguida da festa de entrega do 10° Prêmio Délio Rocha de Jornalismo de Interesse Público. Criado em 2007, o prêmio é um incentivo e um reconhecimento aos trabalhos de interesse público produzidos pelos jornalistas em Minas Gerais. Este ano ele contou com patrocínio da Unimed BH, Sindágua e CDL BH.

Foram inscritos 140 trabalhos e distribuídos R\$ 33 mil em prêmios aos 18 vencedores nas seis categorias: Jornalismo Impresso, Reportagem Fotográfica, Reportagem de Rádio, Reportagem de Televisão, Reportagem de Internet e Estudante de Jornalismo. A colocação só foi conhecida na festa de premiação.





UM NEGOCIO, UMA CRISE — JORNAL ESTADO DE MINAS



FLÁVIO MARCONNI BOA SORTE TAVARES

REPORTAGEM:

DA JUVENTUDE
PROTESTA CONTRA
O GOVERNO TEMER
NA PRAÇA DA
ESTAÇÃO — JORNAL
HOJE EM DIA



REPORTAGEM IMPRESSA

2º LUGAR

LUIZ RIBEIRO DOS

REPORTAGEM:

GRANDE SERTÃO, 60 ANOS: VEREDAS EM AGONIA – JORNAL ESTADO DE MINAS



2º LUGAR

INCON 7ARRIFTT

REPORTAGEM:

LAVA JATO EM CHAMAS – JORNAL O TEMPO



3º LUGAR

TULIO SAVIO CARDOSO SANTOS

REPORTAGEM:

EXTREMOS GERAI – JORNAL ESTADO DE MINAS



3º LUGAR

EANDRU CESAR RIBEIRO COURI

REPORTAGEM:

A HISTORIA
DE MINAS
REDESCOBERTA JORNAL ESTADO DE
MINAS

55



10 LUGAR

DESIRÉE MIRANDA CORREA DE ARAUJO DOS SANTOS

REPORTAGEM:

TRAGÉDIA DE MARIANA – UM ANO DE IMPUNIDADE – RADIO INCONFIDÊNCIA



FERNANDO HORTA ZUBA

REPORTAGEM:

VIDAS EM RISCO — TV GLOBO MINAS



2º LUGAR

EDILENE LOPES DO NASCIMENTO

REPORTAGEM:

SÉRIE UM ANO DA TRAGÉDIA DE MARIANA, A ITATIAIA NÃO ITATIAIA



2⁰ LUGAR

REPORTAGEM:

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NOS MUNICIPIOS — TV ALMG



56

3º LUGAR

REPORTAGEM:

10 ANOS DA LEI MARIA DA PENHA — RÁDIO UFMG EDUCATIVA 104,5 FM



3º LUGAR

REPORTAGEM:

1º LUGAR DANIEL AUGUSTO RESENDE CAMARGOS **REPORTAGEM:** MANIA DE TER FÉ NA VIDA — PUNTERO



REPORTAGEM NA INTERNE

2º LUGAR BRUNO HENRIQUE BARROS FONSECA. REPORTAGEM:

TRUCO ELEIÇÕES 2016 (ESPECIAL DE CHECAGEM DAS ELEIÇÕES) — PÚBLICA AGÊNCIA











NOVEMBRO/DEZEMBRO 2017























































retendia escrever sobre a importância da democratização da comunicação para a democracia no Brasil e me deparei com uma matéria da Folha de S.Paulo que materializou meus argumentos. O título da matéria é "Levantamento revela imediatismo e baixa tendência a poupança do brasileiro". Poderia ser: "Notícia revela tendenciosidade e baixo nível da imprensa brasileira". Na chamada de capa, o título "Brasileiro não tem paciência para poupar dinheiro" poderia ser "Brasileiro não tem paciência para ler

Pensei que a notícia era o de sempre: a superficialidade encantadora do jornalismo e a constatação do óbvio pelas pesquisas. Fui ler (a matéria na internet é aberta a não assinantes) e descobri a canalhice: a culpa do brasileiro poupar pouco é do FGTS e da aposentadoria; se o FGTS acabar e a Previdência for reformada, os brasileiros vão começar a poupar. Diz a matéria:

imprensa manipuladora".

'Há pouco incentivo para poupar porque aposentadoria e FGTS repõem ou superam a renda atual na maior parte dos casos. (...) A reforma da Previdência deve reduzir beneficios e adiar sua obtenção, elevando a importância da poupança particular e voluntária'.

O objetivo evidente do texto é fazer o lobby da reforma da Previdência e do fim do FGTS, interesses patronais que a Folha defende. Trata-se de editorial publicado como notícia.

Pesquisa se presta a tudo, notícia também. Quando as duas se juntam é uma festa. A Folha descobriu isso há tempos com o Datafolha e criou uma fábrica de notícias, uma base "científica" para qualquer coisa que ela queira publicar.

Continua a matéria: "A reforma da Previdência deve reduzir beneficios e adiar sua obtenção, elevando a importância da poupança particular e A IMPRENSA ANTIDEMOCRÁTICA
ZOMBA DOS BRASILEIROS

voluntária. O estudo mostra o brasileiro despreparado para isso, seja por ignorância, seja por imediatismo".

Fantástica conclusão. Não ocorre à Folha uma terceira possibilidade: "seja por falta de dinheiro".

Imagino uma charge com um mendigo recusando um real de esmola e pedindo à boa alma: 'Por favor, só 50 centavos. Os outros 50 guarda numa poupança privada pra mim'.

Imagino também uma notícia futura: 'Mendigo morre de fome e deixa R\$ 100 mil em poupança privada'.

Mas não é só porque têm FGTS e Previdência que os brasileiros não poupam. É também porque têm universidades públicas gratuitas e o SUS!

"Paulo Costa enumera características brasileiras que incentivam menos poupança: 'Há universidades públicas gratuitas. O sistema de aposentadoria é um dos mais generosos do mundo. E o sistema de saúde, embora falho, existe e atende parcela da população.".

A Folha dá sua contribuição para a perseguição às universidades federais. Seguindo o exemplo da PF, que momeou de "Esperança equilibrista" a operação de invasão da UFMG e condução coercitiva de reitor, vice-reitora e outros, o jornal zomba dos brasileiros em outro título: "Sem-poupança: Brasileiros poupam pouco". O quadro com as conclusões do estudo afirma que:

"-Em 143 países, só 11 poupam menos que Brasil para a velhice

-Maioria dos brasileiros não tem reserva para emergência

-Mulheres poupam menos que

-Previdência privada também precisa mudar".

Ideologia machista, colonialista,

antipopular e neoliberal. Os itens poderiam ser:

-Em 143 países, só 9 têm mais desigualdade que o Brasil

-Maioria dos brasileiros não tem nem pra hoje, quanto mais para guardar

-Mulheres ganham menos que

-Imprensa privada também precisa mudar.

Sem "paciência" para produzir jornalismo, gozando de um FGTS (publicidade, subsídios, favores governamentais) e uma Previdência (concessões de rádio e TV) que superam a publicidade privada e dispensam leitura ou audiência, a imprensa brasileira se reduziu a isso. Nada mais urgente do que democratizá-la, não com a censura, como a direita faz, mas dando voz a quem não tem, criando veículos que expressem todos os pontos de vista, distribuindo publicidades e concessões públicas igualmente para todos.



CARLOS CÂNDIDO é jornalista, assessor de Comunicação do SJPMG. Trabalhou no JB, na Veja, no O Tempo, no Hoje em Dia, no Diário do Comércio e na Lead.

62

63

CAROSCOLEGAS



POR
SYMPHRONIO VEIGA
foto CLÁUDIO CUNHA



Não se justifica o erro por esquecimento ou dúvida. Há regrinhas que são inolvidáveis, embora aprendidas nos tempos escolares de criança. E, se você tem que usar a escrita como obrigação profissional, exige-se correção de primeira.

AO INVÉS DE ou EM VEZ DE? Depende. Ao invés de indica posição contrária. "Você deveria sorrir ao invés de chorar". Em vez de é troca, significa substituição. "Você deveria ir ao teatro, em vez de ir ao futebol".

AFIM ou A FIM? Afim significa semelhante, próximo. "Para liberar a propina não houve dissidência entre o deputado do PPX e o do PPY, com ideia afim." Já a fim indica finalidade. "Um parlamentar saiu cedo a fim de ser o primeiro na boca do caixa."

A PAR ou AO PAR? A par é ciente, informado. "Não estou a par desta bandalheira." Ao par é empregado em relação a negócio de dinheiro, câmbio. "Houve um tempo em que o real esteve ao par com o dólar americano".

HÁ ou A? Há equivale a faz, referente ao passado. "Estive em Itapecerica há dois anos." Emprega-se o a no tempo futuro. "Daqui a pouco começa o jogo." Usa-se também com relação à distância. "Trabalho a três quadras de casa."

MAL ou MAU? Mal é adverbio, o contrário de bem. "O doente está mal de saúde." Já mau é antônimo de bom. "Reprovado duas vezes, Erotides tem fama de mau aluno."

MEIO ou MEIA? Meio é advérbio e equivale a um pouco, mais ou menos. "O freguês saiu meio insatisfeito com a comida." E meia, adjetivo, vale como metade. "Tenho que ir, já é meio dia e meia (hora)."

ESTADA ou ESTADIA? Estada se refere a pessoas ou animais. "Durante estada no hotel, ela usou muito a piscina." Estadia é tempo de permanência de veículos em garagem ou estacionamento. "Paguei dez reais de estadia do carro na garagem."



Este é o título do novo livro do jornalista Alcindo Ribeiro de Sousa a ser lançado em novembro. A história (um romance policial) mostra um estilo raro neste gênero da literatura, incomum nos escritores brasileiros, segundo alguns críticos. O livro prende o leitor desde o início, ao acompanhar o personagem principal, um experiente delegado de métodos "sui generis" de trabalho. Alcindo Ribeiro mostra a possível (ou não) diferença entre ficção e verdade, lembrando que essa questão é antiga, com pontos de vista e definições diversas de mestres no idioma brasileiro. Paolo Scudetti, jornalista italiano, e Pôncio Pilatos, governador da Judeia nos tempos de Cristo, são exemplos de ficção e verdade no livro: um debate a questão, enquanto o outro pede a definição do termo, sem esperar a resposta.



Está lembrado dos parônimos? Têm este nome as palavras que se assemelham na grafia e na pronúncia, mas possuem significados diferentes. Veja:

absolver – perdoar, inocentar; absorver – aspirar, sorver

cumprimento – extensão; comprimento – saudação

descriminar – tirar a culpa; discriminar – diferenciar

discrição – quem é discreto; descrição – ato de descrever

emitir – enviar, lançar; imitir – fazer entrar

fruir – desfrutar; fluir – correr o líquido, passar o tempo

flagrante – evidente; fragrante – perfumado

soar – produzir som; suar - transpirar

HOMÔNIMOS

Já palavras de mesma pronúncia, grafias e significados diferentes são os homônimos, como estas:

acender – por fogo; ascender – subir

acento – sinal gráfico; assento – local de assentar

cerrar – fechar; serrar – cortar coser – costurar; cozer – cozinhar

espectador – quem assiste; expectador – quem espera

espiar – observar; expiar – pagar pena

incipiente – principiante; insipiente – ignorante

sela – arreio; cela – pequeno quarto

Raymundo Vergílio Couto e Silva

Pioneiro da cobertura especializada em automóveis em Minas Gerais. o jornalista Raymundo Vergílio Couto e Silva morreu no dia 16 de agosto, aos 90 anos. O V. de Ouro Preto, como assinava seus textos no iornal Estado de Minas, foi, por décadas, referência nacional quando o assunto era automóvel O legado dele segue firme, com o filho, Raimundo Couto, editor do Super Motor, caderno especializado em automóveis com a maior tiragem do Brasil. "A ele devo muito mais do que o exemplo, mas a inspiração de buscar, lutar e almejar um sonho que parecia distante em minha vida", escreveu Raimundo, sobre o pai.



MEMÓRIA

Na foto de 1956, no gramado do estádio Independência, do Sete de Setembro, entre titulares e reservas do time do Diário de Minas, o jornalista Oswaldo Nobre, ao lado de Sebastião de Brito (ambos de terno), respectivamente diretor e presidente do jornal. Os atletas são: de pé, a partir da esquerda: o goleiro Gaspar de Almeida, Borjalo (Mauro Borja Lopes), Oscar Nonato, Dyr Passos, Jero Oliva e Monge. Agachados, na mesma ordem: José Bonifácio da Costa Filho, Mário Tanure, Hugo Aroeira, Vicente Pena Junior, Edson Pinheiro, Vicente Guimarães e José Flávio. (Foto Arquivo V&V)





JORNALISTAS Anos PAUTANDO A DEMOCRACIA